

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia

Stéfane Cryslaine Alves Guimarães

**Say Yes: Etnografia do Coaching, metodologia de
desenvolvimento humano e promotor de felicidade**

Brasília, 2015

Stéfane Cryslaine Alves Guimarães

**Say Yes: Etnografia do Coaching, metodologia de
desenvolvimento humano e promotor de felicidade**

Monografia apresentada à disciplina
Dissertação como requisito parcial
para conclusão do Curso de Ciências
Sociais com Habilitação em
Antropologia da Universidade de
Brasília.

Orientadora: Prof. Antonádia
Monteiro Borges

Brasília

Universidade de Brasília

2015

Banca Examinadora:

Antonádia Monteiro Borges

Andressa Lewandowski

Agradecimentos

Agradeço a todas aquelas e aqueles que estiveram ao meu lado durante esse período de formação, especialmente nesta fase final que é tão intensa. Estão todos em meu coração, e a elas e eles destino meus melhores sentimentos e desejos de gratidão e boas energias.

Resumo

A presente dissertação é uma etnografia acerca do coaching, uma metodologia de desenvolvimento pessoal e profissional, muito utilizada por pessoas da área empresarial na atualidade. Através da participação em eventos, palestras, treinamentos e a convivência diária em uma empresa de coaching em Brasília, procurei descrever minha relação com o tema, como se dá a formação de um profissional coach, como atuam seus discursos, a fabricação consciente do indivíduo, como o coaching é para alguns um treinamento e para outros, uma espécie de religião moderna. Trago ainda diálogos com uma interlocutora, que assim como eu, novíça no assunto, buscava compreender as mensagens sobre escolha, privilégio, a construção de si, e como as mais diversas experiências de vida podem ser tão agregadoras quanto as pregadas pelo coaching, ou ainda como objetivos propostos por este podem ser alcançados através de outros meios.

Palavras-chave

Coaching, coach, treinamento, etnografia, fabricação, religião, desenvolvimento pessoal.

Sumário

Introdução	01
Alguns termos	04
Dizem que o coaching é...	05
Como cheguei ao tema	06
Encontros com Rosa	10
Formação	12
A fabricação do EU	16
O trabalho como salvação e chegada ao império do deus sucesso	18
Encontros com Joana	22
Vivências e desenvolvimento pessoal	23
UPW – Unleash the Power Within	24
Acampamento Underground	37
Um bate-papo sobre escolhas	43
A construção de si	45
Afetamento em campo	51
Bibliografia	53

Introdução

Treino para a vida. Este é o título da Revista do Correio de 30 de março de 2014, uma publicação semanal do jornal de maior circulação no Distrito Federal, que traz em sua capa a chamada: “Está na moda buscar ajuda profissional para tudo: perder peso, mudar de carreira, passar em um concurso, administrar o tempo e a conta bancária. E o nome da vez é coaching. Entenda o método e saiba como fugir de picaretas”. A matéria jornalística trata de um serviço cuja peculiaridade é ser ofertado – a despeito de sua complexidade – por um único profissional. Ao invés de se contratar um nutricionista, um psicólogo, um professor, um consultor financeiro, a contratação de um coach pode dar apoio a todos esses itens de uma vez só. Dentro da revista, a matéria começa intitulada *Ensina-me a viver*, o que indica a ambição não de pequena monta tanto dos profissionais que oferecem tal produto, quanto daqueles que os buscam: uns se julgando capazes de ensinar e outros de aprender a viver.



O texto que trago a seguir é fruto de uma experiência pessoal e de trabalho junto ao coaching, que conheci quando estava na metade da graduação. A proximidade que tive desta metodologia de desenvolvimento humano fez com que eu a escolhesse para tema de pesquisa, para compor a monografia que me faria concluir a graduação. Meu objetivo com este texto é pensar antropológicamente o coaching, apresentando analiticamente o que vi nesse universo, colocando questões etnográficas sobre o discurso e prática deste método de desenvolvimento pessoal e profissional muito usado por pessoas da área empresarial.

O coaching se apresenta como um propiciador universal: por meio dele qualquer pessoa pode obter qualquer coisa que queira. Uma pergunta surge ao nos depararmos com tal declaração: como pode haver uma técnica aplicável por qualquer um, capaz de modificar comportamentos de forma tão efetiva?¹

Por muitos anos me questionei sobre desigualdade social. As reflexões a este respeito, anteriores ao meu ingresso no curso de Ciências Sociais, apenas se adensaram ao longo de minha formação universitária. Antes e depois, diversas hipóteses e teorias procuravam demonstrar que as pessoas teriam seus destinos guiados seja por conta da família em que nasceu, do bairro em que cresceu, das escolas em que estudou, das viagens que pode fazer ou a inexistência de viagens em suas vidas, de ter tido relacionamentos saudáveis ou, ao contrário, abusivos etc. Os esforços analíticos, independentemente do elo causal privilegiado para dar conta da posição do sujeito na “malha social” e seus horizontes de possibilidade, apontavam inequivocamente para um tema de difícil solução: a relação entre a pessoa ou indivíduo singular e algo que lhe seria exterior, estrutural, os chamados “constrangimentos estruturais”.

Embora este dualismo tenha sido e continue sendo uma constante nas ciências sociais é importante notar que alguns estudos antropológicos problematizaram a universalidade desta tensão entre agência (indivíduo) e estrutura (sociedade) ao tratar etnograficamente de concepções de pessoa relacionadas a outras formas de conceber o mundo e a existência. Tomemos, neste momento, a fim de reavivar nossa memória a respeito desses debates o trabalho de Mauss sobre a noção de pessoa, sobre a ideia de eu

¹ Ao longo da pesquisa descobri que não é bem para qualquer pessoa, mas sim, para pessoas funcionais. Pessoas funcionais “são as que são capazes de tomar decisões e fazer escolhas por si” (Rosa - coach)

como entendida no ocidente cristão e de bases filosóficas tanto românticas quanto iluministas. Em seu trabalho, o antropólogo demonstra o quão longo e peculiar foi o processo de produção da categoria de eu/mim e o quão divergente de outros caminhos históricos trilhados para produzir um entendimento do sentido da vida para aqueles que chamamos de humanos, cuja existência é paradoxalmente tão efêmera e crucial.

Além desta reflexão sobre a definição conceitual de uma biografia particular (pessoa, indivíduo, sujeito etc.), outra questão me intrigou a partir de minha crescente familiaridade com o coach vis-à-vis minha formação em antropologia: como alguém poderia se tornar uma profissional satisfeita, tendo em vista os muitos caminhos que poderia trilhar?! Além do problema da escolha (do livre arbítrio, acima mencionado, que só faz sentido em contextos onde, apesar do aparente paradoxo, se advoga em favor dos constrangimentos estruturais), outro se colocava: como defender que o rumo tomado foi o melhor e que não haveria outro ainda mais satisfatório?!

Essas perguntas surgiam não apenas de meu confronto com princípios “abstratos” do coach, mas do convívio com pessoas que viviam esses mesmos questionamentos, em sua busca pelo aperfeiçoamento pessoal. Da convivência com o coaching e sua gente, entendi que uma forma etnográfica de construir minha inquietação sobre tais problemas teóricos seria confrontar tais princípios com os discursos de seus praticantes. Por essa razão, a presente monografia abordará os problemas teóricos acima mencionados a partir de biografias de quem eu conhecia, de pessoas que eram na ocasião de nossos encontros conhecedoras do coaching ou que viriam a sê-lo.

As pessoas que vivem ou, como dizem, aplicam o coaching, têm uma forma distinta de ver e explicar o mundo daquelas com as quais eu estava familiarizada. Elas formulam explicações próprias sobre as relações e sobre a desigualdade social etc. No entanto, por se tratar de uma miscelânea de conhecimentos que se cruzam, muito do que se diz me soa familiar. São essas explicações – distintas e ao mesmo tempo semelhantes acerca da pessoa e de seu poder sobre ou no mundo - que me propus a investigar. Apesar de ser um objetivo bastante audacioso, por meio dos diálogos e situações por mim vividas, pretendo, de maneira sutil e bem clara, dar alguns desdobramentos a esse objetivo.

Uma empresa de coaching abrigou a mim e a meus interlocutores centrais ao longo dos anos de 2012 e 2015. Nela se deram os eventos em que estive presente para compor a narrativa para esta monografia.

Na primeira parte da dissertação trago uma breve apresentação de como cheguei ao tema e conto sobre o início de minha relação com minhas duas principais interlocutoras: Rosa e Joana. Na segunda parte procuro trazer diálogos com Rosa (que é coach) e algumas observações sobre como o coaching é visto sob vários ângulos: para alguns seria apenas um treinamento, enquanto que para outros se trataria de uma espécie de religião moderna. Minha leitura do que dizia e fazia Rosa me ajudará a tecer algumas ponderações sobre a noção de pessoa no coaching. No capítulo seguinte relato cenas do cotidiano, vivências e reflexões partilhadas com Joana. Ela foi uma companheira de aprendizado dentro do coaching, com quem compartilhei – dada nossa condição comum de novças no meio - questionamentos sobre a possibilidade de escolha e as implicações do privilégio. A partir de nossos diálogos, procuro demonstrar que aqueles temas não nos rondavam de forma peculiar, mas eram por nós duas sempre vistos e muito falados dentro desta metodologia. Por fim, à guisa de conclusão, apresento alguns apontamentos sobre minha relação com o campo.

Alguns termos para auxiliar a leitura:

Coaching: é o processo/metodologia em que ocorrem as sessões em que se relacionam coach e coachee, a fim de realizar um ou mais dos objetivos por ambos acordados e que estejam no escopo de intervenção da metodologia.

Coach: o profissional que conduz o processo.

Coaches: o plural de coach.

Coachee: O indivíduo que passa pelo processo.

Dizem que o coaching é...

... “um método estruturado para a felicidade”.

... “um tapa buracos para um problema social, a eterna insatisfação do ser, o ego”.

... “creio que o coaching seja uma bússola, uma ferramenta desenvolvida para orientar as pessoas a se encontrarem, a perceberem o seu real potencial e a enxergarem suas limitações, que muitas vezes só são assim consideradas por não sermos capazes de vislumbrar os seus reais benefícios”.

... “um treinamento, um processo muito intenso de reflexão e mudança”.

... “não tive muito contato com o coaching. Sei brevemente que é algo que envolve duas pessoas com objetivos que se mesclam. Uma, que é profissional, e outra que é o cliente, e será ajudado a realizar seu objetivo, da melhor forma possível”.

... “coaching: uma forma de obter resultados a partir de pessoas”.

Obtive essas respostas ao perguntar para algumas pessoas que já conheciam o coaching ou conheciam alguém que passou pelo processo e o que para elas significava o coaching.

As pessoas que fizeram tais afirmações eram estudantes ou profissionais que participaram de alguma palestra sobre coaching ou algum treinamento com o mesmo.

Ao olhar suas respostas, vemos diferenças. Uma pessoa o vê apenas como um treinamento ou forma de obter conhecimento, enquanto outras acreditam que ele transcende para objetivos maiores, como a felicidade da vida.

Ainda assim, apesar das singularidades, é possível afirmar que todas constatam a possibilidade de os sujeitos interferirem por meio desta técnica em suas vidas.

Como cheguei ao tema

O campo chegou a mim antes que eu soubesse que se tornaria campo.

Ao longo de toda minha formação na Universidade de Brasília trabalhei em diferentes lugares, para construir minha autonomia e colaborar em minha casa. A prática do trabalho paralelo ao curso permeou, portanto minha graduação e foi assim que cheguei ao coaching. Uma coach profissional, Rosa, estava iniciando um projeto em meados de 2012, para um perfil específico de pessoas, e um colega de trabalho (na época eu trabalhava em uma organização não governamental que tratava de direito de família) lhe indicou meu nome por acreditar que eu faria parte do público-alvo para o projeto. Foi assim que esta coach me convidou para participar do processo seletivo.

A proposta do projeto era de treinamento e desenvolvimento de liderança em pessoas com idade entre 18 e 24 anos, que tivessem histórico de trabalho voluntário em suas comunidades, tivessem demonstrado atitudes de liderança em quaisquer projetos que houvessem realizado e cuja renda fosse justamente insuficiente para que pudessem pagar por um processo de coaching. A ideia era que esta participação de pessoas com potencial no treinamento se desse de forma gratuita.

O projeto era composto de três partes. Para aqueles que fossem selecionados, a primeira etapa era um curso de liderança com a abordagem do coaching. A segunda, um processo de coaching em grupo. A terceira, um processo individual de coaching de carreira. Inscrevi-me na seleção e fui aprovada.

Para a primeira etapa foram aceitas 15 pessoas. No primeiro curso pudemos aprender sobre o perfil de um líder: o que era um líder coach, como podia se dar o desenvolvimento de competências e habilidades que nos fariam ter sucesso em nossas profissões. No primeiro momento, de minha parte houve um encantamento com o contato com todo aquele conteúdo.

Este primeiro encontro aconteceu em 2012 e durou cerca de sete meses. As atividades envolveram jovens selecionados vindos de diversas cidades satélites do Distrito Federal e entorno, que participaram do curso.

Para ir para a segunda etapa, os participantes deveriam mostrar ter compreendido conceitos fundamentais do coaching e de que forma poderiam aplicá-los

em sua vida. O aprendizado deveria ser demonstrado através da criação de um projeto social, onde se incluísse ferramentas do coaching ou mesmo sua abordagem para levá-lo a cabo. Nem todos os selecionados na primeira etapa criaram projetos. Os que foram produzidos trataram de diversos temas e tinham muitos formatos: um ciclo de palestras em alguma escola pública de ensino médio, um treinamento com sua equipe de trabalho voluntário, uma palestra motivacional em sua igreja, a criação de uma biblioteca comunitária, um esquema de acompanhamento de alunos de comportamento considerados inadequados na escola, workshops com pais de alunos de escola pública sobre temas específicos.

Era possível notar nos projetos propostos algumas preocupações como o uso das ferramentas e princípios do coaching, além de a maioria querer fazer algo que atuasse diretamente com o eixo da educação. Ao mesmo tempo, os proponentes demonstravam algumas inclinações individuais como fazer algo relacionado ao projeto de que já participavam antes ou usar suas principais habilidades pessoais vistas como relevantes ao longo do curso com o coaching.

Todos os candidatos participantes da primeira etapa que apresentaram projetos seriam avaliados e por eles receberiam uma nota que seria somada a outra nota, dada por seu aproveitamento durante o curso da primeira etapa. Aqueles que tivessem melhor avaliação iriam para a segunda fase, que era composta por seis sessões de coaching em grupo para desenvolvimento de competências como comunicação, oratória, marketing pessoal, autoconhecimento e outras.

Esta segunda etapa duraria cerca de dois meses e aconteceria nos meses finais do ano de 2012.

Dessas seis pessoas, as duas melhores avaliadas ganhariam um processo individual de coaching de carreira, finalizando a terceira parte do projeto. A etapa individual consistia em oito sessões de coaching, entre a pessoa finalista e a coach Rosa. Joana e eu fomos as finalistas. Em março de 2013 havíamos concluído nossos processos individuais, começados em novembro de 2012. Ao longo de um período de três meses, eu trabalhei em meus projetos para o futuro e em habilidades que eu gostaria de desenvolver, além de ainda estar cursando disciplinas na universidade, estar realizando um projeto de extensão, e outras tarefas em família e projetos com os amigos. Faço esta

ressalva para esclarecer que a familiarização com o coaching na condição de coachee se deu gradualmente e em meio a muitas outras atividades às quais eu estava habituada a me dedicar e às quais eu precisava seguir dando atenção. Penso que esse processo de ser exposta à possibilidade de se transformar nos encontros com a coach em meio à vida cotidiana que segue seja uma experiência recorrente entre as pessoas que como eu se envolvem em tais processos. Em suma, o que aprendem o aprendem a conta-gotas e nem tudo o que lhes é ensinado pode ser posto em prática imediatamente.

Como prêmio pelo bom aproveitamento no projeto, Rosa ofereceu a mim e a Joana uma viagem aos Estados Unidos, para participar de um evento com Anthony Robbins, um coach mundialmente conhecido. A viagem iria acontecer em fevereiro de 2014. A respeito desta viagem, tratarei mais adiante, com especial atenção ao conteúdo ministrado por Anthony.

Rosa viu qualidades em mim e um ano após o fim do projeto (por volta de outubro de 2013) fui convidada por ela a ocupar um cargo em sua empresa; minha função seria trabalhar na área comercial. Nela eu deveria fazer o atendimento de clientes internos e externos, a gestão de relacionamento comercial (escrevendo e-mails, fazendo ligações telefônicas ou mesmo pessoalmente, visitando clientes), a prospecção de clientes, construção e atualização de listas de contatos, elaboração de orçamentos, propostas e contratos comerciais, venda de serviços para desenvolvimento profissional. Além disso, deveria também planejar a organização, acompanhamento e suporte a eventos internos e públicos, o contato com fornecedores (agência de mídias sociais, gráficas), divulgação de eventos e acompanhamento de mídias sociais, participação em redes de networking profissional.

Eu iniciei neste novo trabalho em janeiro de 2014 e acreditava que seria uma boa oportunidade de desenvolver habilidades profissionais de que eu não estava ciente e que não me haviam sido mencionadas durante o curso na universidade. Além disso, eu poderia transitar por um universo que era desconhecido por mim, o empresarial de alto nível.

Quando eu ainda participava do projeto que Rosa criou (como cliente), sentia-me muito acolhida e agraciada pela possibilidade de ter tido acesso gratuito a algo cujo público é tão seletivo. Ainda assim, em alguns momentos senti que Rosa dava sinais de impaciência com o grupo. Não posso afirmar haver uma relação entre aqueles sinais de

irritação no princípio de nossa relação e o que depois vivi com Rosa quando passamos a ser chefe e subordinada. No entanto, pude ver que no dia a dia de produção do coaching, ou seja, fora dos cursos, dito de outra forma ainda, do lado de dentro do balcão, a figura do coach se desdobrava em muitas e, nem todas, logravam ser acolhedoras e motivadoras dos que estavam ao seu redor e nem de si mesma.

Encontros com Rosa

Rosa era a única filha mulher em meio a quatro irmãos homens. Oriental, de família tradicional vinda de Taiwan, na China, quando ainda tinha sete anos. Seu pai era empresário e os matriculou em uma escola particular em Brasília assim que chegou ao Brasil. Rosa conta que no início, ela e os irmãos permaneciam em grupo na escola, pois ainda não falavam português, e os outros alunos os olhavam com a estranheza de estar vendo o diferente, e a experiência de ser o diferente foi muito influente em sua personalidade. No tempo em que passamos juntas, eu a ouvi contar muitas vezes sobre todas as adaptações que precisou fazer para ser mais aceita e até para compreender as diferenças e conviver melhor com os que estavam ao seu redor.

Rosa gostava de contar sua história de superação: a única mulher da família, além de sua mãe (com quem não tinha um relacionamento harmonioso), criada para ser dona de casa e que se tornou uma profissional bem-sucedida, quebrando as regras que foram criadas para ela. De todos os seus irmãos, ela é a única que tem independência financeira, que conseguiu, nas suas palavras, empreender a ponto de morar numa das áreas mais nobres de Brasília e frequentar lugares elitizados.

Apaixonada pelo coaching desde que o conheceu, Rosa explicou uma vez que o maior concorrente desta metodologia é a ignorância. Pelo fato de as pessoas não conhecerem ou não saberem bem o que ele é, acabam confundindo “banana com salada de fruta”, quer dizer, acabam confundindo o coaching, que segundo ela é um método diferenciado, que tem aplicação prática e garante resultados promissores, com qualquer outro treinamento. Ela o conheceu quando trabalhava numa grande empresa e como gerente em seu setor não pode participar de um processo de coaching que seria pago pela empresa apenas para os diretores. Muito curiosa, ela procurou saber do que se tratava, pesquisou, e decidiu estudar o coaching. Após fazer a certificação, atendeu alguns clientes pró-bono para adquirir certa experiência, e alguns meses depois, “empreendeu”, abrindo a própria empresa no ramo.

Noto como esse momento iniciático se relaciona com a experiência que tive de maneira singular: Rosa não passou pelo processo porque este foi oferecido para seus superiores, homens. Depois de pagar do próprio bolso para se tornar uma coach, Rosa passa a oferecer o processo de forma gratuita. Inicialmente, para se aperfeiçoar. Mais tardiamente, para oferecer oportunidades a quem estaria impedido financeiramente de

o fazer e também para garimpar talentos escondidos que jamais chegariam ao coaching sem a sua estratégia ativa de prospecção.

Rosa foi uma figura com quem tive um relacionamento que considere complexo. Quando nos conhecemos senti por ela uma imensa admiração, e queria compreender como uma pessoa podia acumular tamanho conhecimento. Quando ela falava publicamente era espantoso o domínio de atenção que ela tinha, sua capacidade de criação de empatia com o grupo, sua rapidez de raciocínio, a forma como expressava suas ideias e como sabia se vender bem como profissional. Quando nossa convivência aumentou, percebi como buscava constantemente um alto nível de excelência, apesar de ter parecido para mim uma figura sobre-humana, que já tinha atingido um ápice. Comecei a pensar nessa busca de excelência como sendo algo semelhante aos discursos das grandes religiões quando falam sobre santidade, iluminação, nirvana, purificação, dharma etc. Rosa buscava constantemente uma domesticação de si. Queria desenvolver sua humanidade para atingir um nível adequado a um objetivo específico. No entanto, como os objetivos se multiplicavam e se metamorfoseavam constantemente, a despeito de seu autocontrole e vasto conhecimento, sua busca nunca chegava a um fim.

Em um dos treinamentos de que participei, para empreendedores com a abordagem do coaching, Rosa foi a facilitadora. Num intervalo, me disse que o coaching vai nos deixando com a percepção muito apurada, ampliada, e se isso não vem acompanhado de uma boa dose de compreensão, podemos nos tornar exigente demais, a ponto de querer um padrão inalcançável. Ela alertava para os riscos de se achar que se pode controlar muitas coisas e fazer tudo dar certo. Chamava atenção para a frustração inerente à expectativa de esperar que os outros desempenhem tudo muito bem. Para ela, isso raramente acontece, pois desconhecemos as circunstâncias que cada pessoa teve para fazer o que era preciso.

Formação

A eficácia das fórmulas motivacionais se faz lentamente, ao longo da formação no coaching. No entanto, como essa formação difere, podemos afirmar ainda que as relações particulares que os sujeitos têm com o coaching possam estar vinculadas às suas experiências de iniciação e convívio igualmente distintas. Algumas pessoas fazem uma formação específica para se tornarem coaches habilitados a exercer o coaching, na qual recebem um certificado emitido por alguma instituição reconhecida pelos pares, que atesta a capacidade deste sujeito para exercer a função de coaching profissionalmente.

Rosa, Marta e Sandra são pessoas que tinham outras profissões (contadora, assistente social, servidora pública, respectivamente), quando decidiram fazer uma formação com certificação em coaching. As três fizeram sua primeira formação pela Sociedade Brasileira de Coaching.

Outras se iniciam no coaching fazendo cursos em que ferramentas e ensinamentos lhes são repassados de modo pragmático, para serem aplicados em sua vida e/profissão, seja como vendedor, empreendedor, executivo, gestor, advogado, professor, secretária, atendente de loja, dentre outras profissões.

Rodrigo, André, José e Luis eram empreendedores e fizeram cursos de coaching aplicados ao empreendedorismo, para que pudessem aprender ferramentas específicas a serem aplicadas ao seu trabalho, mas não se habilitaram a atender pessoas como coaches. Lucas, Mariana e Antônio eram corretores de imóveis e fizeram o curso de coaching para vendedores. Carla, Sidney, Isabelle, fizeram o curso de coaching para líderes gestores, ou seja, para quem em suas empresas, ocupam cargos de comando e gestão de outras pessoas.

Há ainda quem passe pelo processo individualmente. Nessas situações o coach que o atende, procura diagnosticar o que o está impedindo de atingir seus objetivos, deixando sempre claro para o indivíduo, que está em suas mãos transformar a sua realidade. Os processos individuais são procurados por pessoas (geralmente entre 18 e 24 anos) em início de carreira que querem planejá-la. Em outras faixas etárias, há quem busque redefinir sua carreira, ou seja, planejar uma mudança de profissão ou de função. Outras almejam ocupar cargos mais altos no lugar onde trabalham, o que é muito

comum entre funcionários públicos. Há ainda quem planeje uma nova ocupação para depois da aposentadoria. Outras querem desenvolver habilidades para lidarem melhor com os desafios no local onde já trabalham. Para além da profissão em sentido estrito, há quem procure fazer uma mudança pessoal, realizando o chamado life coaching, que visa propiciar uma mudança no comportamento, nas aspirações, nos sonhos, nas finanças, no sentido que a pessoa dá a sua vida.

Tatiane, Patrícia, Rafaela e Nelson, por sua vez, fizeram processos individuais. Essas pessoas identificaram no processo lacunas de competências e habilidades, dentre as quais, dificuldades para “dizer não”, delegar tarefas, se comunicarem com os pares e com os chefes etc. Algumas empresas privadas como escritórios de advocacia ou de TI, pagam coaching em grupo para suas equipes que passarão por um processo similar ao individual, ou seja, de diagnóstico de seus problemas e de indicação de soluções que elas mesmas deverão descobrir.

No caso dos processos em grupo, é comum que o tema seja o desenvolvimento dessa equipe, para ter uma *alta performance*, resolverem conflitos próprios do grupo, qualificar/aumentar as vendas de seus produtos ou serviços etc. Certa imobiliária queria treinar seus corretores para ampliarem sua capacidade de vendas e se sentirem mais motivados. Um grupo de gestores de uma metalúrgica carecia de conhecimento sobre gestão e precisava qualificar e aprimorar sua equipe.

#

Normalmente, mesmo que não em todos os casos, após ter concluído a graduação, a pessoa que tomou conhecimento do coaching e ficou desejosa de se tornar um coach profissional, se inscreve em um curso para formação em coaching numa escola reconhecida². No Brasil, a mais mencionada, embora não considerada por todos a de melhor qualidade, é a SBC – Sociedade Brasileira de Coaching. A duração do treinamento varia de 4 a 8 dias. Em alguns casos as chamadas “ferramentas” são repassadas aos

²Algumas entidades que realizam a formação de coaching, dando certificação específica, no Brasil e no mundo, são ABC – Academia Brasileira de Coaching; ABRACEM – Associação Brasileira de Coaching Executivo e Empresarial; BCI – Behavioral Coach Federation; IBC – Instituto Brasileiro de Coaching; ICC – Internacional Coaching Community; ICI – Integrated Coaching Institute (coaching integrado); ICF – International Coaching Federation; Incoaching; Instituto Holos; SBC - Sociedade Brasileira de Coaching; Sociedade Latino Americana de Coaching.

aprendizes. Em outros, se ensina um processo para a criação de ferramentas. Este último método era o que Rosa mais usava. Para cada treinamento oferecido, ela criava um veículo para transmitir a lição do programa ofertado. Essas ferramentas podem ser sofisticadas e implicarem muito trabalho para a equipe que promove a formação. Por outras, pode se tratar de uma folha de papel, impressa com um organograma, que possui a qualidade de tornar visível ao participante um problema que lhe é de difícil percepção, embora reconhecido por ele. Finda a formação, que custa em torno de 7 mil reais, o candidato a coach, aguarda a emissão do certificado que o permitirá exercer a profissão. O valor da formação pode variar a depender do que é oferecido, sendo que o pacote básico incluiu material didático, coffee break e a emissão do certificado.

O primeiro nível de treinamento profissional é o *Personal and Professional Coach*, conhecido como PPC. Esta especialização prepara para atender casos de clientes que buscam melhorar algum aspecto em sua vida pessoal ou profissional de modo geral. O segundo nível, *Executive Coach*, prepara para o atendimento de profissionais das áreas corporativas, especialmente gestores de grandes empresas, indústrias, grandes comércios. O terceiro, *Master Coach*, torna o coach mestre no assunto, ou seja, a pessoa se torna apta a ministrar os treinamentos dos níveis imediatamente anteriores tanto o PPC quanto o Executive, além de se tornar apto a atender demandas individuais de todos os níveis.

Também é possível não necessariamente passar por esses níveis e cursar diretamente um MBA em coaching. No meio profissional que conheci, esta última opção não goza de tanto prestígio para a prestação de atendimento e formação, mas sim, como habilidade que se soma ao seu cotidiano de trabalho dentro de um RH, por exemplo. Trata-se, portanto, de uma qualificação extra e não necessariamente de uma profissionalização exclusiva em coaching. Uma variação desta formação para aperfeiçoar o próprio ofício se dá por meio de disciplinas de coaching no interior de um curso, de uma especialização ou de uma pós, geralmente nas áreas de administração e recursos humanos. Nesses casos, o que se almeja é que o estudante tenha uma visão mais ampla do coaching, para aplicá-lo em seus trabalhos como gestores e não para atender como coach profissional. Um exemplo dessa última alternativa pode ser vista em uma rede de salões de cabeleireiro que existe em Brasília. Nela, em meio aos cursos profissionalizantes de estética, se oferece também programas de coaching para quem trabalhará nos salões.

Embora teoricamente se exija que uma graduação tenha sido concluída por quem queira fazer a certificação em coaching, conheci um caso em que a pessoa pode certificar-se sem ter terminado sua graduação. Rosa me explicou o caso de Cláudio. Segundo ela, muitas escolas querem ter muitos alunos e por isso acabam aceitando uma pessoa que diz estar concluindo ou diz ter dado uma pausa em sua graduação, mas que em breve irá concluí-la. Espera-se que a pessoa realmente o faça. Cláudio, no entanto, ficou devendo o diploma de curso superior para a instituição de coaching e nunca o apresentou. No caso dele, por conhecer a diretora da escola, concluiu o curso e começou a atender clientes, a despeito de não ter o diploma que seria pré-requisito. O tempo foi passando e esse diploma nunca lhe foi cobrado. Cláudio passou a atender vários clientes. Os casos bem-sucedidos demonstraram seu profissionalismo, a ponto de ninguém nunca pedir para ver seus documentos profissionais, certificados ou outros comprovantes. As pessoas que buscam o coaching normalmente não exigem estes comprovantes porque ou a conversa com o coach é esclarecedora e lhe dá a segurança de que precisa ou a pessoa interessada soube do coach em eventos ou por indicações de terceiros em quem confia.

O coach é um profissional que carrega um leque de conhecimentos de diversas áreas. Administração moderna, gestão, recursos humanos, empreendedorismo, *branding*, economia, psicologia, sociologia, comunicação social, oratória, relacionamentos, estão entre suas áreas de pesquisa com fim instrumental. Lêem e buscam informações sobre as mudanças no mercado de trabalho, inovação, games, tecnologia.

No começo, eu olhava para os bons coaches como super humanos: donos de um grande conhecimento, pessoas muito educadas, tão dispostas a contribuir, abertas, de espírito jovem. Ao longo do tempo essa imagem mudou. Pude presenciar episódios em que com a correria do dia a dia, ficava difícil para o coach desempenhar esse personagem de super humano. A este respeito, ouvi muitas vezes a expressão “no padrão automático”. Ouvi Rosa utilizar bastante esta expressão até para justificar atitudes suas que considerava grosseiras e hostis e, portanto, contraproducentes para o seu objetivo maior de aprimoramento pessoal. No meio do coaching, quando uma pessoa está em seu padrão automático, age como é em sua essência. Por estar ocupada com uma atividade específica, a qual dedica toda sua atenção, torna-se incapaz de controlar além do resultado imediato de sua atividade, sua atenção à imagem. Nesses casos, realizar uma tarefa específica muito bem pode deixá-lo suscetível a se expor, trazendo a tona

características suas que podem desfazer o árduo trabalho anterior de construção de uma imagem (sua, para si e para os outros) de uma pessoa super humana.

A fabricação do EU

Marcel Mauss, em seu texto *A noção de pessoa*, dá ideias de como se poderia estudar uma categoria humana que embora se acredite inata, cresceu ao longo dos séculos, tratando-se, portanto, de uma construção social muito circunscrita e específica: a ideia de “pessoa”, de “Eu”. Sua análise recupera textos etnológicos que trazem diversas construções de “pessoa”. Fosse para os índios Pueblos ou Zuñi, as tribos do noroeste americano ou clãs da Austrália, para Mauss, ressaltadas as diferenças, para todos esses povos a noção de pessoa estava intimamente ligada ao grupo, não havendo e não lhes fazendo sentido a noção de pessoa individualizada. O autor analisa como os nomes dados e recebidos, as máscaras utilizadas em eventos cerimoniais, a posição na família dado seu nascimento, entre outros elementos, exprimia como a noção de pessoa associada ao seu clã ou grupo era alcançada ou produzida em cada um desses contextos.

Na terceira parte do mesmo texto, Mauss fala sobre a fabricação do eu em cenários diversos dos apresentados na primeira parte, mas ainda assim, diferentes do ocidental. Para isso cita as construções dessas noções na Índia e na China. “A Índia parece-me ter sido a mais antiga das civilizações que teve a noção do indivíduo, de sua consciência, digo eu, do ‘Eu’; a *ahamkara*, a ‘fabricação do eu’, é o nome da consciência individual, *aham* = eu (é a mesma palavra indo-europeia que *ego*). A palavra *ahamkara* é evidentemente uma palavra técnica, criada por alguma escola de sábios videntes, superiores a todas as ilusões psicológicas. O *samkhya*, a escola que justamente deve ter precedido o budismo, afirma o caráter composto das coisas e dos espíritos (*samkhya* quer dizer precisamente composição), considera que o ‘Eu’ é algo ilusório”. (Mauss, 1938)

Em seguida, Mauss segue à Roma, onde a “pessoa” teria ganhado o status de direito, sendo mais que um elemento de organização da vida coletiva. A partir deste percurso Mauss tem à sua disposição os elementos para defender a tese de que foi no ocidente que se construiu a pessoa como fato moral, tendo para isso sido fundamental a experiência cristã, psicológica e filosófica. O autor nos faz notar que essa construção do

“eu” individual, moderno, que é visto como uma coisa única, não é natural, mas resultado de um processo histórico e social longo, que ganhou impulso com a narrativa cristã. “Foram os cristãos que fizeram da pessoa moral uma entidade metafísica [...]. É a partir da noção de *uno* que a noção de *pessoa* é criada – acredito nisto há muito tempo – a propósito das pessoas divinas, mas simultaneamente a propósito da pessoa humana, substância e modo, corpo e alma, consciência e ato”. (Mauss, 1938)

Para os propósitos do presente trabalho interessa a reflexão de Mauss sobre a “fabricação do eu”. No coaching, a matéria-prima de trabalho é o ser, a pessoa, e nele se pode ver muito claramente a ideia de construção. A propósito desta possibilidade de ser um “si mesmo” e poder ainda transformá-lo, recupero uma discussão que tivemos no âmbito do grupo de orientação (Gesta). Nela, José Roberto Sobral Correia, expressou de maneira clara, questões intrigantes a respeito do coaching: “Contra quem ou contra o que uma pessoa e seu coach lutam para que ela possa, por exemplo, emagrecer? Quantos projetos de modificação de comportamentos sucumbem ao ‘inconsciente’, ao ‘desejo’, à ‘natureza humana’, à Satanás, ao código genético e a tantos outros obstáculos *contra inventados*. Se a pessoa está no *controle*, o que mesmo ela controla? Quais deslocamentos do reino do inato – do que não pertence ao campo de atuação do agir humano e sobre o qual este não teria ingerência – os praticantes do ‘coaching’ conseguem realizar? Eis uma grande possibilidade de se pensar antropologicamente o coaching. Nesse mesmo sentido, gostaria de compartilhar outra percepção: parece-me que geralmente perdemos as lutas que travamos contra nós mesmos. Definitivamente, somos inimigos à altura. O ‘eu’ que come é um páreo duro ao ‘eu’ que quer a dieta. Assim como o que bebe é um grande adversário ao sóbrio. Ou o macunaímico ao que quer trabalhar duro. Daí a ‘covardia’ do coaching aparecer como um dado relevante. Trata-se de 2 contra 1. Alguém e seu treinador contra esse alguém sozinho. Talvez não importe tanto à antropologia saber quem vence a disputa, quanto saber quais são as regras do jogo e quem de fato entra em campo”.

Este colega traz questões como autocontrole, autoconhecimento e consciência pessoal, das quais não tratarei, mas que não posso me furtar de mencionar.

O trabalho como salvação e chegada ao império do deus sucesso

Rosa tinha no trabalho sua grande ocupação, sua fonte de orgulho e senso de responsabilidade. Para ela, a diferença da sua maneira de fazer coaching em relação a outros coaches existentes no mercado estava na qualidade com que fazia seus atendimentos, em sua bagagem de conhecimento e na competência com que levava a cabo suas tarefas. Ela era muito exigente em seus trabalhos e projetava essa exigência em suas subordinadas, o que muitas vezes tornava a rotina coletiva altamente extenuante. Eu sentia que ela fazia de tudo para estar nos altos padrões que ela mesma criava, pretendendo demonstrar ser um exemplo daquilo que pregavam os vários ensinamentos do coaching.

Em sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Max Weber disserta sobre a relação entre a reforma protestante e a formação e ascensão do capitalismo ocidental, mostrando como “a aquisição capitalista como uma aventura sentia-se em casa em todos os tipos de sociedade econômica que conheceram o comércio com o uso de dinheiro e que lhe ofereceram oportunidades, mediante *commenda*, coleta de impostos, empréstimos ao Estado, financiamento de guerras, cortes ducais e cargos no funcionalismo” (Weber, 1930), mas só no ocidente ele pode desenvolver-se de maneira tão estruturada e com entrada tão grande nos mais diversos setores. Segundo este autor isso especialmente se deu pela relação dos protestantes com o trabalho, que diferentemente da cultura católica vigente até a reforma, condenadora da usura e crente de que o trabalho existia para suprir as necessidades do homem, os protestantes o encaravam como um fim em si e viam o acúmulo de bens e riquezas como sinal de suas bênçãos. O conceito de vocação torna-se muito importante neste “experimento”, pois: “O trabalho deve, contrariamente, ser desempenhado como se fosse um fim absoluto em si mesmo, uma vocação. Mas tal atitude de nenhum modo é um produto da natureza. Ele não pode ser invocado por baixos salários ou mesmo por altos, mas pode ser apenas o produto de um longo e árduo processo de educação”. (Weber, 1930)

Em Rosa, em outros coaches e em clientes do coaching pude ver como era dado alto valor ao exercício do trabalho, seja ele profissional ou apenas a ocupação em dias de folga para se evitar momentos de ócio disfuncional. A diferença, no entanto, em relação ao argumento de Weber sobre a ética protestante, é que esses viam no trabalho uma forma de dar glória a Deus. Já as pessoas envolvidas com o coaching viam o trabalho como forma de atingir seus objetivos, de terem sucesso. Neste último caso o fim é

diferente, mas a maneira de alcançá-lo é tão metódica quanto, basta que lembremos de uma das afirmações de Weber a respeito: “O desperdício de tempo é, portanto, o primeiro e o mais mortal dos pecados”. (Weber, 1930)

Ver o coaching sendo tão cultuado e muitas vezes indicado como solução magnífica, fez-me ver nele algo similar a uma prática religiosa entre seus profissionais e aqueles que ao conhecê-lo tornavam-se tão fervorosamente seus defensores.

#

Há no Youtube³, um vídeo⁴ de uma roda de conversa intitulado A Teologia do Empreendedorismo, com a fala do filósofo Leandro Karnal. É um trecho do programa Café Filosófico, cujo tema é “Os velhos e os novos pecados”. Assisti a este programa depois que Joana o indicou para mim, em junho de 2015.

No vídeo, um apresentador faz a introdução do tema, dizendo que a contemporaneidade experimenta um vácuo deixado desde a idade média. Segundo ele, para preencher a lacuna deixada pelo abandono das ideias de pecado e culpa, emergiram as noções de auto ajuda e a teologia da prosperidade. Logo após este preâmbulo, Leandro Karnal – o condutor do debate – fala de uma terceira ideologia, a da auto-realização, da iniciativa. Em suas palavras, o empreendedorismo é para muitos a chave do futuro, é a solução para tudo: desigualdade, desemprego, a ponto de no meio em que pesquisei, se defender que o empreendedorismo deveria ser ensinado nas escolas, desde a educação básica. Para o orador, o empreendedorismo nasce de uma ideia tipicamente americana, em que se opõem winners e losers (vencedores versus perdedores). Esta ideologia não é bem-vista por ele, que a considera insidiosa, por atuar por meio da autocensura que o indivíduo impõe a si mesmo. As pessoas, sendo suas próprias juízas, saberiam o que precisariam fazer para que as coisas dessem certo e, quando isso não acontece, a culpa recairia sobre elas – por isso, sendo comuns, frases do tipo: “o sucesso é minha responsabilidade”, “o fracasso é minha culpa”. Segundo Karnal, o empreendedorismo é bem-visto porque associa ao sujeito campeão a ousadia e auto estima. No entanto, esse aspecto

3 Youtube: site de compartilhamento de vídeos em formato digital.

4 Vídeo assistido no dia 28/06/2015. O link encontra-se nas referências.

negligenciado do sofrimento e da punição, embora não seja tematizado, não deixa de ser daninho.

Para Karnal se construiu uma nova concepção de homem que alcança sua salvação por meio da iniciativa pessoal. O empreendedor de hoje difere do homem medieval, por não buscar sua realização em nome de algo além, mas de um *hic et nunc* = aqui e agora. Se antes na Idade Média iria para o inferno após a morte quem não fosse salvo, atualmente o inferno deste novo homem é seu fracasso financeiro e pessoal em vida. Ainda nas palavras de Karnal, há um tempo atrás, ter um treinador pessoal que motivasse o indivíduo a dizer “eu posso”, “eu avanço”, seria visto como uma esquizofrenia. Atualmente trata-se disso como consistência pessoal, a fim de que o indivíduo se planeje, tenha metas e se esforce pelo sucesso.

Karnal diz ainda que os RH's são os novos departamentos teológicos, por conhecerem bem os pecados atuais: não ser proativo, não colaborar com a sinergia da empresa, não vestir a camisa, não ter metas, não se alegrar com um treinamento no sábado à noite, não ter criatividade, não sair da caixinha, e outras formas catequéticas religiosas. Para ele, tais fórmulas são criadas para dizer quem está certo ou errado, quem vai para o céu ou para o inferno.

O coaching é um programa de aperfeiçoamento e desenvolvimento pessoal que tem como objeto de trabalho e preocupação este homem novo. Portanto, faz sentido lançar mão de um infinidade dessas fórmulas para alcançar seus objetivos. Em todos os treinamentos de que participei, ouvi tais frases de efeito. Inicialmente, quando as ouvia pela primeira vez, posso afirmar que elas surtiem em mim o efeito desejado. Entretanto, com o passar do tempo e com sua repetição, me distanciei dessa sensação, tornando-me menos suscetível a seus efeitos. No entanto, creio que outras pessoas que conheci no meio do coaching, tenham tido experiência diversa. Com a repetição, com o aumento do leque dessas fórmulas, há quem se sinta mais seguro e ciente do seu poder pessoal, demonstrando assim, a eficácia dessas frases.

Temos aqui a oportunidade de recuperar uma reflexão de Malinowski a respeito da eficácia dos encantamentos mágicos para fins por nós entendidos como “meramente” práticos (as roças, a navegação etc.) e que tem para os trobriandeses outro sentido. Segundo o antropólogo, as enunciações fazem sentido não por seu conteúdo literal, mas

por sua inserção na totalidade dos costumes e da psicologia do “nativo” (Malinowski, 1923). Evidencio algo similar na prática do coaching. Se para mim as palavras perdiam seu poder ao serem repetidas, isto se devia ao fato de eu as estar ouvindo “literalmente”. Ao passo que para outras pessoas, como Rosa, a quem eu ouvia diariamente enunciar tais fórmulas, seu sentido se dava por outras vias, por outras razões.

Encontros com Joana

Conheci o coaching em 2012, e em 2014 comecei a trabalhar em uma empresa de coaching em Brasília. Na empresa trabalhei e realizei meu trabalho de campo que consistiu em acompanhar a rotina, participar de treinamentos, palestras e de eventos com/de coaching. Em campo, o que não imaginava é que Joana fosse tornar-se minha principal interlocutora, pois eu achava que algum coach seria a pessoa com quem eu mais deveria conversar.

Joana é uma jovem de 21 anos que, assim como eu, passou a trabalhar nesta empresa, após um convite da proprietária, Rosa, que a conheceu quando promoveu o projeto de desenvolvimento de liderança jovem, e Joana inscreveu-se. Sua função era cuidar da parte administrativa e financeira. Eu iniciei em janeiro e ela em abril de 2014, e estivemos juntas até maio de 2015, e neste período formamos uma equipe com Rosa e tocamos todas as atividades criadas.

Joana mora numa cidade satélite do DF, no Gama, e desde criança esteve envolvida em projetos sociais, promovidos especialmente por sua igreja, tais como recuperação de jovens ex-usuários de drogas, reeducação de jovens infratores; deu palestras sobre gravidez na adolescência e temas de sua religião, promoveu doações de alimentos, roupas e livros para famílias mais carentes.

Durante o campo, pude ter muitas conversas com Joana, e muitas coisas que ela disse se tornaram lições que aprendi. Livros, futuro, política, desenvolvimento e desigualdade social, religião, alimentação, vida saudável, carreira, estética e música estavam entre os nossos assuntos mais falados.

Como da vez em que, depois do almoço, passamos na livraria do shopping e folheando alguns livros, encontramos um intitulado *A idade decisiva*, de Meg Jay, que discorria sobre como a fase que vai dos 20 aos 30 anos era o período de maiores mudanças na vida de uma pessoa, e passamos semanas discutindo pontos levantados pela autora e comparando com nossas experiências e as de pessoas próximas a nós.

Política era assunto de pesquisa diária para Joana, e todos os dias nós falávamos de algo que estava no jornal ou novidades e mudanças de alguma manobra política em curso no Brasil ou no mundo. Depois de abandonar o curso de matemática na Universidade de Brasília, Joana achou que poderia usar melhor seus talentos em algo que pudesse provocar mudanças sociais mais visíveis, e decidiu então fazer Gestão de políticas públicas e Ciência Política no Centro Universitário do Distrito Federal – UDF. Os dois cursos, por terem muitas disciplinas semelhantes, poderiam ser cursados simultaneamente, tendo cada um que ser concluído em fases diferentes com avaliações específicas.

No período em que convivemos, contei para Joana sobre o trabalho de pesquisa de alguns colegas próximos e um deles era a pesquisa de uma doutoranda sobre cabelos crespos. Lembro-me que falamos sobre alisamento de cabelos não-lisos, e como a construção da identidade negra passa pelo cabelo em diversas vezes. Ao longo dos próximos meses Joana decidiu fazer a transição capilar, e deixou de usar seus cabelos alisados para usá-los cacheados. Esta mudança provocou surpresa em sua família e em seus conhecidos da igreja, que acharam que ela estava rebelde e começaram a oferecer-lhe ajuda espiritual. Joana teve que enfrentar muitos preconceitos e por fim, chegou a concluir que era preciso deixar os grupos que freqüentava na igreja, pois eles eram fechados demais e não tinham espaço para discussão de assuntos como a liberdade da mulher e decisão dela sobre seu próprio corpo, por exemplo.

Falávamos muito sobre alimentação e vida saudável, até pela influência do coaching, que prega a necessidade de saúde integral e a necessidade de se “viver em um nível consistente de saúde, energia e vitalidade”⁵.

Vivências e desenvolvimento pessoal

Como muitos coaches dizem, o coaching é uma experiência de ampliação da percepção e compreensão de si e de alguns aspectos da vida. Incomodava-me um pouco quando eu ouvia que ele promovia coisas que outras vivências não poderiam promover, pois acredito que diversas vivências podem trazer aprendizado, e das mais

⁵ Anthony Robbins, em: Apostila do treinamento Unleash the Power Within (*Desperte o Poder interior*).

diversas formas. Inclusive, há muita gente que não acredita na eficácia do coaching, como pude ouvir quando conversei com pessoas que não faziam parte desse universo.

Abaixo trago o relato de duas experiências, uma com coaching e outra não, para exemplificar o que digo sobre desenvolver-se de formas diversas e poder alcançar os mesmo objetivos que o coaching, só que de outras maneiras. No primeiro caso, um evento de coaching no exterior, com duração de quatro dias, em que se refletia sobre campos da vida como finanças, relacionamentos, trabalho, sentido da vida, formação, saúde, hábitos. No segundo, uma experiência de simulação da vida de cristãos perseguidos, especialmente em países do Oriente.

UPW – Unleash the Power Within

Em fevereiro de 2014 eu e Joana pudemos participar de um grande evento de coaching (patrocinado por essa empresa em que fiz campo), realizado nos Estados Unidos, com duração de 50 horas, divididos em quatro dias.

O evento se chamava UPW – Unleash the Power Within (Desperte o poder interior), promovido pela equipe de Anthony Robbins. Nos próximos parágrafos faço um relato dos dias do evento, e em seguida, estão palavras de Joana sobre o mesmo.

O UPW começou para nós no dia 26/02/14 com uma reunião, no salão do hotel, realizadapelo pessoal da PuraEco para falar sobre o evento. A PuraEco é a empresa que leva brasileiros para os eventos do Anthony Robbins, nos Estados Unidos.

A reunião começou por volta das 13h30 e o pessoal nos recebeu com alegria, nos deram um bloco de anotações com caneta, pois disseram que era muito importante anotar tudo que nos chamasse a atenção durante o evento, e uma garrafa d'água.

Na reunião fizeram uma dinâmica de apresentação entre o grupo que vinha do Brasil, de diferentes estados: São Paulo, Rio Grande do Sul, Curitiba, Brasília, Fortaleza, mas que também contava com duas pessoas do México, duas do Panamá, duas da Costa Rica e uma de Portugal; a diversidade de origem das pessoas que iam ao evento era muito grande. O grupo era formado por uma classe bem seleta, médicos, empresários,

publicitários, tradutores, palestrantes, psicólogos, com um alto padrão de vida. Após a dinâmica, fizeram-nos dançar para descontrair.

Em seguida, duas life coaches, uma brasileira e uma argentina, com trabalhos focados em alimentação e estilo de vida, coordenaram a reunião e incentivaram-nos a pensar sobre a razão pela qual estávamos lá (pediram que anotássemos nossos motivos e de noite refletíssemos sobre eles no quarto do hotel). Falaram sobre a alimentação durante os dias do evento, pois como ele era intensivo, não tinha pausas longas para almoço e lanche, e lá não tinha lugares próximos para comprar com rapidez, precisávamos levar alimentos que fossem rápidos de se comer, e ao mesmo tempo nutritivos. Foi dito que precisávamos habituar nosso corpo a ter uma alimentação mais saudável, baseada em itens que tivessem mais nutrientes e fossem menos calóricos.

Uma das coaches deu a dica de um pó energético que poderíamos beber durante o evento (o Green Food, da Amazing Grass) e que poderíamos comprar mais tarde no mercado em que nos levariam após a reunião, o Whole Foods. A ideia proposta era que levássemos duas garrafas para o treinamento, uma com água e o pó energético, e outra com água com suco de limão, para bebermos durante o dia para alcalinizarmos nosso sangue, já que, segundo ela, de maneira geral nossa alimentação comum tornava nosso organismo mais ácido.

Contaram ainda sobre o Anthony Robbins e como os dias estavam mais ou menos organizados. Como Anthony já deu muitos treinamentos e palestras ao longo da vida, ele estava com problemas nas cordas vocais, por isso, ele intercalaria sua presença com Joseph McClendon. Ele estaria presente no primeiro dia de treinamento, no segundo seria Joseph, terceiro Anthony, e quarto, Joseph.

Mencionaram sobre o firewalk (um momento de caminhada sobre brasas que haveria no evento e seria o ápice de uma grande preparação); combinaram contratos com quem ia querer as fotos do evento (havia uma fotógrafa na equipe que poderia organizar as encomendas) e por fim, nos entregaram um kit com quatro camisetas, que seriam usadas em cada dia. Amarelo no primeiro dia, branco no segundo, verde no terceiro, e azul no quarto. Depois da reunião, fomos ao supermercado Whole Foods para escolher os alimentos para os próximos dias.

#

No dia seguinte, na quinta-feira logo cedo fomos para o Centro de Convenções. Já na entrada éramos recepcionados pelos *staffs* do evento que estendiam suas mãos e nos diziam “Yes”. Lá fizemos o credenciamento, recebemos uma bolsa com apostila traduzida para o português, equipamento de tradução simultânea, um par de luvas (porque no Centro de Convenções o ar condicionado era fortíssimo e a temperatura bem baixa), um saquinho de aperitivo com algumas sementes e nozes e uma garrafa para água.

Ainda no momento do credenciamento recebemos um papel para escrevermos nossos maiores medos. Quando todos estavam credenciados fomos para fora do centro, num espaço aberto. Lá, tinha um “caminho de brasas”. Um senhor nos esperava. Ele fez um momento de reflexão com a gente e disse-nos que quando estivéssemos prontos que podíamos jogar nosso papel no fogo, porque dali em diante eles não existiriam mais do mesmo modo.

Havia nesse espaço externo, muitos caminhos de brasas sendo preparados por homens e mulheres, muitos com um capuz que cobriam seus rostos, como se não quisessem ser identificados. Esses caminhos iriam ficar prontos para serem usados à noite, no grande firewalk.

Abaixo duas fotos do momento em que queimávamos nossos papeis com nossos medos escritos.



Depois disso, esperamos o momento do início, éramos do grupo vip (ser do grupo vip estava incluso no ingresso vendido pela PuraEco), primeiro entraram as pessoas que são ligadas a fundação do Anthony e que são mais vips, e depois nós. Por todos os lugares onde passávamos staffs nos recebiam, erguiam suas mãos para tocarmos e gritavam “Yes”. O grupo brasileiro era muito animado, tinham umas pessoas tocando pandeiro, outras dançando; isso provocava destaque em meio à multidão, e todos achavam que o grupo brasileiro representava bem seu povo, dada a animação.

Durante o primeiro dia, Anthony falou sobre psicologia prática, as seis necessidades humanas, três formas de comunicação e processamento de medos.

Antes de começar a abordagem dos temas acima, foi feita uma pequena reflexão sobre as razões para estarmos no evento, cada um deveria responder às perguntas: “Por que você tomou a decisão de participar deste evento? O que está comprometido a tirar deste fim de semana, não só para você, mas para aqueles com quem se importa? Por que realmente está aqui?” (Robbins, 2011). Para Anthony, “há uma poderosa força motriz dentro de todo ser humano, que, uma vez despertada, pode fazer qualquer visão, sonho ou desejo se tornar realidade. A busca da minha vida tem sido despertar essa força e ajudar todos nós a lembrar e a usar o poder ilimitado que mora em nós” (Robbins, 2011).

Psicologia prática. Para ele, na prática, somos todos psicólogos, pois temos aptidão para decifrar o que está realmente acontecendo em uma situação, seja com a gente ou com quem gostamos, o desafio é que não nos foram ensinadas as habilidades para criar as mudanças que desejamos em nós e em nossas vidas, de forma efetiva. Falou sobre a psicologia prática, e disse que o que fazemos é 80% psicologia e 20% mecânica. Segundo ele, isso ajuda a pensar em como podemos mudar qualquer cenário na nossa vida, já que o primeiro passo é uma mudança de mentalidade.

As seis necessidades humanas. Segundo uma teoria criada por Anthony, as seis necessidades humanas são: conexão (viver de modo a estar conectado com quem está ao redor), significância (fazer coisas que fazem sentido para o agente), crescimento (sentir que está crescendo a partir das coisas que faz), contribuição (saber que está contribuindo para melhoria do lugar e das pessoas próximas onde se está), certeza (valorização de segurança, estabilidade) e incerteza (variedade, ineditismo, inovação).

Quando falou sobre as seis necessidades humanas, o que muita gente percebeu foi que muito do que faziam era para adquirir significância perante os outros, quando no fundo o que todos queriam era amor. Essa foi uma conclusão tirada coletivamente, com mediação de Anthony.

No seminário, seguimos alguns exercícios propostos na apostila, e em referência às seis necessidades humanas, respondemos algumas questões como:

1. Quais são as formas que você tem certeza? E incerteza?
2. Quais são as formas que você tem significância? Amor/ conexão?
3. Das seis necessidades humanas, quais duas você tem valorizado mais?
4. Quais são as conseqüências de valorizar estas necessidades nesta ordem?
5. Quais precisam ser suas duas principais necessidades agora para transformar sua vida?
6. Se você fizesse esta mudança, o que se transformaria na sua vida?

As três formas de comunicação. “A qualidade da minha vida está na qualidade da minha comunicação”, segundo a apostila do treinamento; e as três formas de comunicação são: palavras, que representam apenas 7% do que realmente influencia o comportamento humano; voz, com 38% de influência, afirma como se usa a voz vai afetar alguém mais do que o que se diz; e, fisiologia, com 55% de interferência, significando que a forma como se porta o corpo representa a maior parte do que influencia as pessoas quando se comunicam.

Processamento de medos. Anthony trabalhou muito o tema “nossos medos”, más lembranças, fracassos, insucessos e seu objetivo era fazer com que o público usasse tudo isso para se tornar força para enfrentá-los, como se cada episódio ruim da vida pudesse se tornar uma espécie de combustível para outro episódio bom. Em meio a explicações e momentos de descontração ele fazia algumas intervenções. Essas intervenções consistiam em abordar alguma pessoa da plateia e perguntar se ela tinha alguma experiência que gostaria de compartilhar, e como numa sessão terapêutica ou ação de milagre, ele convencia a pessoa a pensar de um modo diferente sobre o assunto, como, por exemplo, a história da mulher que se sentia bloqueada e com baixa auto

estima após viver um relacionamento abusivo, e ele conseguiu provocá-la a ponto dela dar a declaração de que a partir daquele dia ela não iria mais deixar que ninguém tivesse mais controle sobre sua vida do que ela mesma.

Ao fim do dia, quando já estávamos “capacitados mentalmente” para mudar nosso estado, sair de algo que nos angustiava para o que pode ser melhor, fizemos a caminhada sobre as brasas, que é uma metáfora em que se supõe que ao trabalharmos nossa mente para enfrentar o medo do fogo e não nos queimarmos, isso nos fortalece para enfrentarmos nossos medos e desafios com uma mente mais focada, solucionando qualquer problema com sucesso já que se tem uma experiência anterior de auto domínio e fortaleza mental.



#

No segundo dia, o Joseph McClendon foi quem esteve à frente do evento. Eram passados vídeos com falas do Anthony e Joseph nos guiava nos momentos de intervalo. Nesse dia falou-se sobre condicionamento neuroassociativo, os passos para uma mudança duradoura, o que nos causava paixão, e também sobre equipe (como devemos ter ao nosso lado na vida uma boa equipe de pessoas que nos fortaleça e nos eleve). Nesse último ponto Anthony disse que é preciso estar com quem te faz querer fazer mais, estar em grupos que te fazem crescer, “montar para si uma equipe de sucesso”.

Percepção, fisiologia, rapport e estratégia eram as quatro palavras que seriam marcantes em todo o evento. Percepção, pois a ideia é que com o evento ela fosse ampliada em todos os aspectos da vida; fisiologia, pois ela deveria ser alterada para estar sempre refletindo plenitude, afinal, se a pessoa estava procurando melhorias, a primeira delas deveria começar no corpo, é ideal que a pessoa se coloque em estado de excelência, significando isso estar sempre numa postura ereta e pronta para a ação; rapport é a técnica de criar sintonia com as pessoas próximas por meio da expressão corporal e da fala; e estratégia, é o que deveria ser criado para se alcançar os objetivos propostos.

Anthony, através dos vídeos, também falou sobre crenças: “é um sentimento de certeza sobre o que algo significa”, que pode ser limitante ou fortalecedora. Para o coaching, crenças são o que determina seu sucesso ou fracasso em algo, pois o que está em sua mente, o que você pensa sobre algo é sua primeira relação com ele, se for negativo, é provável que seu resultado também seja. E toda crença é possível de ser alterada; “o passado não equivale ao futuro a menos que você viva nele” (Robbins, 2011).

No evento, foi ensinado que para se fazer uma mudança duradoura são necessários três passos: alavancar a vontade, por dor ou prazer, identificando o que realmente precisa ser mudado; interromper o padrão, alterando a forma como se faz aquilo que já não está sendo satisfatório; e, criar uma nova alternativa, um novo padrão empoderador, uma nova forma de agir naquilo que se espera.

Há cinco passos para usar o poder do ímpeto, ou seja, assim que se decidir pela mudança de algo, e estiver entusiasmado, para que não se perca o desejo, deve-se:

1. Colocar-se em estado de excelência!
2. Descobrir a paixão naquilo e quais valores abastecem a iniciativa! O que realmente te motiva e está relacionado a esta mudança?
3. Decidir-se, comprometer-se e resolver! Despertar seu poder!
4. Tomar uma iniciativa imediata! Conseguir um modelo comprovado ou criar um, fazer um plano e agir.
5. Criar uma estratégia! Verificá-la, mudar se for preciso, avaliar com frequência.

Os momentos de descontração eram muito importantes para que a gente não cochilasse ou deixasse o cansaço dominar, porque como eram muitas palestras e muitas horas seguidas de treinamento, o corpo ficava muito cansado. A todo momento éramos incentivados a dar um highfive e gritar “Yes”, os animadores diziam: “highfive e say Yes”, além de existirem as dinâmicas a fazermos com os colegas do lado e as várias indicações de abraços aos vizinhos laterais e mais “Yes”.

#

No sábado, terceiro dia, o Anthony falou sobre a roda da vida (uma ferramenta de coaching muito utilizada), que é um exercício para avaliação geral de sua vida. Esta ferramenta é uma folha onde está desenhada uma roda, dividida em partes como uma pizza, onde cada parte se refere a um aspecto da vida: corpo físico, emoções, relacionamentos, uso do tempo, carreira, finanças, propósito. A ideia é que se dê uma nota de 0 a 10 a cada um destes aspectos, ao fim, deve-se ligar cada um dos pontos e ver o desenho que se formou, com isso, pode-se ver o nível de equilíbrio vital do indivíduo. Esta ferramenta existe em diferentes versões, e todos os coaches que conheci a utilizavam em algum momento de seu trabalho com seus coachees.

Falou-se novamente sobre estratégia, pois ela é “um modo específico de organizar seus recursos para produzir sistematicamente um resultado específico”. Mais algumas falas sobre valores e crenças. Valor aqui entendido como um estado emocional que se acredita ser importante de vivenciar ou evitar.

Outro tópico do dia, Processo Dickens: é um processo em que as pessoas são “quebradas” emocionalmente para depois serem reconstruídas, e o objetivo é que isso provoque uma grande transformação, porque você é levado a pensar o quanto se pode perder caso continue a deixar que seus medos te dominem. O importante é saber que eles nunca deixarão de existir, mas a forma como você lida com eles pode mudar, e isso trará melhores resultados em todos os aspectos. O objetivo do processo Dickens é quebrar crenças limitantes e substituí-las por crenças empoderadoras.

#

No domingo, último dia, novamente sob o comando do Joseph, mas assistindo aos vídeos de Anthony, foi falado sobre estilo de vida saudável, como ter uma vida com qualidade e prazer sustentável. E nessa parte, alguns tópicos foram muito relevados. As dádivas a serem vividas: deve-se ser atento à respiração e fazê-la de modo longo, evitar as respirações curtas; comer sempre que puder alimentos crus e orgânicos; aproveitar os ácidos graxos ômega 3 e 6 dos bons óleos, evitando as gorduras; comer muitos alimentos verdes, pois eles alcalinizam o organismo, que geralmente fica ácido devido a alimentos industrializados e substâncias tóxicas que se consome; fazer exercícios aeróbicos, que dão energia; ter uma alimentação que nutra, não apenas alimente; ter alinhamento postural e uma mente e coração direcionados a bons sentimentos e objetivos. Venenos a serem evitados: reduzir ao mínimo o consumo de gorduras processadas, carne animal, laticínios e alimentos ácidos, como café, açúcar, alimentos brancos, vinagre, álcool, nicotina e drogas.

Ao fim do treinamento foi proposto que se aceitasse o desafio dos 10 dias, que consistia em seguir os princípios ensinados por no mínimo dez dias e verificar o resultado, para “avaliar em primeira mão a validade deles e experimentar o poder, a vitalidade, a energia e a alegria de seu corpo estar totalmente vivo e com saúde”.

#

No hall do centro de convenções, chamou-me muito a atenção a quantidade de coisas que tem em nome do Anthony, no começo eu questionei muito comigo mesma, pois eu achava que aquilo parecia um endeusamento. Havia DVD's com palestras dele, ingressos sendo vendidos para outros treinamentos com sua presença, eventos em resorts, um stand da fundação Anthony Robbins para que interessados se tornassem doadores, entre outros.

Abaixo, fotos de alguns shakes e comprimidos de suplementos alimentares com a marca Anthony Robbins.



Quando acabou o evento, fomos para o hotel e lá tivemos um jantar promovido pela PuraEco. Depois que todos comeram, um a um foi contando sua experiência, o que tinha achado do seminário, como era antes e como se sentia agora. Alguns depoimentos foram de verdadeiros milagres acontecidos nesses últimos dias, como por exemplo, uma menina que sofria de depressão e foi levada pelo pai ao evento como uma tentativa de recuperação, pois segundo ela, eles já haviam feito de tudo e ela não conseguia deixar de sentir-se triste, e agora conseguia se ver de uma maneira diferente, com vontade de viver e fazer mais por si e pelos outros. Além dos depoimentos foram feitos agradecimentos à equipe que cuidou de tudo.

A seguir, fotodo grupo que esteve no UPW, reunido no salão do hotel para a confraternização final.



#

Abaixo o relato de Joana sobre o evento. Pedi que ela me enviasse algo escrito sobre o que tinha achado do treinamento, pois sua opinião contribuiria para melhor compreensão e entendimento do que foi vivido. Segue:

Eu já conhecia algumas coisas sobre coaching antes do UPW, mas não a indústria milionária por detrás de tudo isto. Acho que não sou uma boa ovelha desta doutrina, pois esse evento me fez um pouco mais crítica em relação ao assunto.

Primeiro porque aconteceu nos Estados Unidos, o país do livre mercado e das “oportunidades”, o sonho americano. Segundo porque aconteceu em Fort Lauderdale, na Flórida, próximo a Miami e Orlando. O lugar é muito rico, não víamos pedestres nas ruas, a não ser eu e a Stéfane, e as casas eram lindas, certamente se alguém julgar os Estados Unidos por aquele lugar vai dizer que os Estados Unidos deram muito certo. Acho que é por isto que os eventos do Anthony só acontecem em lugares como Las Vegas, Orlando, Nova York, Los Angeles... A cultura de abundância têm de estar em tudo, até na cidade do evento, é coerente para o fim que ele deseja alcançar, já que eu penso que em Luanda por exemplo ele não conseguiria manter esse *rapport*.

Mas não são só críticas minha tese em relação ao UPW; é um laboratório incrível e o Anthony Robbins realmente é um cara de presença. A estrutura do evento, as músicas, os efeitos de iluminação nos levam a uma sensação de grandiosidade e de super poderes, você observa todos aqueles produtos de coaching, todas aquelas pessoas em busca de crescimento, a energia é muito boa. Eu que achava que tinha muito de auto-ajuda no coaching, quando vi o império por detrás de tudo, vi que pode ter sentido e funcionalidade.

Contudo, ainda acho que o que faz o evento ter aquela sintonia é que as pessoas estão fazendo parte de tudo aquilo, elas fazem parte daquele mundo. É um evento caro, ou seja, algum recurso elas tem. Em um país caro, quem mora lá têm uma boa condição e quem viaja para lá mais ainda, as pessoas estão alimentadas e com suas necessidades mais urgentes sanadas, ou seja, elas estão na parte da pirâmide em que o desenvolvimento pessoal é a conquista do momento. Até mesmo eu que fui com pouco recurso estava com minhas necessidades básicas satisfeitas.

A funcionalidade do coaching existe, para alguns, ainda não me convenci que seja algo universal, acho que a pessoa tem de estar em um momento de abertura pessoal para viver a experiência. O UPW é um evento motivacional, de empoderamento, é um grande espetáculo. Uns veneram, eu somente admirei, há vivências mais simples que também

nos despertam e motivam tão poderosamente, contudo talvez elas tenham um outro objetivo, principalmente na ótica de quem vivencia.

Acho que se eu tivesse ido sozinha no evento ele seria de um jeito, como fui acompanhada, outras atividades ganharam mais importância para mim naquele momento e foi incrível poder vivenciá-las como parte de e não como totalidade.

#

O UPW aconteceu ao fim de fevereiro e começo de março de 2014, e em junho do mesmo ano Joana participou do acampamento Underground, que faz a simulação da vivência de cristãos perseguidos. Achei interessante que o relato sobre ele estivesse no texto, pois foi uma experiência que trouxe sentimentos de transformação para Joana, objetivo idêntico ao proposto pelos eventos de coaching.

Acampamento Underground

O acampamento para simulação da vida de cristãos refugiados que Joana participou foi promovido pelo Underground: ministério de jovens da Portas Abertas, cuja missão é “criar um movimento de jovens, comprometidos com Deus e com sua Palavra, dispostos a agir em favor dos cristãos perseguidos além da oração e, através deles, impactar a Igreja Brasileira, levando mais pessoas a se engajarem na causa da Igreja Perseguida” (retirado site: www.portasabertas.org.br).

A viagem aconteceu em junho de 2014, e o acampamento começava numa sexta-feira à noite e acabava no domingo à tarde, incluindo o tempo de preparação do acampamento e 30 horas de simulação da vivência de um cristão refugiado. Eu pedi a Joana que escrevesse para mim sobre essa experiência; abaixo são palavras suas.

Em 2014 passei por uma experiência ímpar na minha vida, o mais engraçado é que quando a gente é cheio de perguntas, a vida nos dá vivências cheias de respostas que depois se tornam outras perguntas. Sou cristã desde criança, e a mensagem que eu sempre ouvi é – vamos ajudar os que estão lá fora (fora da igreja), os não “convertidos” os não “salvos”, pois eles precisam de nós, do nosso apoio, do nosso amor. Contudo o

Acampamento Underground me fez voltar ao livro de *“Atos dos Apóstolos”*, o livro bíblico onde vemos as histórias de pessoas sendo decapitadas, queimadas e torturadas por conta de sua crença, parece história da Idade Média, mas acontece atualmente com os cristãos contemporâneos.

Fiquei sabendo do acampamento através de uma amiga que participou do mesmo há alguns anos atrás, ela me falou do *Ministério Portas Abertas*, que promove o acampamento, e das demais atividades que eles realizam no mundo e no Brasil. Conferências, reuniões, viagens e o próprio acampamento acontecem com o único propósito de sensibilizar a comunidade internacional, seja ela adepta ao cristianismo ou não, das barbaridades que estas pessoas tem sofrido ao redor do globo.

O acampamento do qual eu participei aconteceu em junho de 2014 em Campos do Jordão/SP, foram quatro dias de muito frio, pois mesmo com o termômetro batendo nos 6° a sensação térmica era muito menor, principalmente à noite; muita fome, pois comi muito pouco ou quase nada, pouco banho, pois nosso chuveiro era congelante e por medo de hipotermia nos recomendaram não tomar banho; muitos palavrões, principalmente com as mulheres e explico o porquê mais à frente, e principalmente de muito cansaço, já que não paramos um momento, escalamos montes, fizemos plantações, tiramos terra de covas – às vezes das nossas próprias – e corremos muito, pois o principal objetivo do acampamento é reproduzir ao máximo as condições que cristãos perseguidos passam em seus países.

A simulação aconteceu logo que chegamos ao sítio, homens e mulheres encapuzados nos receberam com gritos e palavras de ordem e nos dividiram em homens e mulheres. Os rapazes entraram primeiro em uma espécie de capela escura e entregaram seus documentos pessoais, dinheiro, celular ou qualquer aparelho eletrônico, doces e balas. Aliás, durante toda simulação os meninos faziam tudo antes de nós, iam dormir primeiro, acordavam depois, recebiam as ordens primeiro, comiam primeiro, nas reuniões e nos refeitórios eram os únicos que podiam se sentar, nós comíamos em pé ou sentávamos no chão, depois de servi-los. Esse tipo de situação foi uma das que mais me irritou em todo acampamento, principalmente porque alguns garotos pareceram se habituar e até gostar da situação, que não foi imposta de forma aleatória, pois na maior parte ou em quase todos os países com índice alto de perseguição a cristãos a mulher é

diminuída em relação ao homem, sendo sempre posta em posições inferiores e tendo poucosounada de direitos, até brincávamos dizendo que se era ruim ser cristão, pior ainda era ser cristã.

Não havia camas, levamos sacos de dormir e nos amontoamos no chão, em uma espécie de quarto comprido. Havia um único banheiro para quase 70 garotas, que por sinal não foi limpo enquanto estivemos por lá, não tinha papel higiênico o suficiente, ou seja, tínhamos que economizar; a água era muito fria e não havia espelhos, parece supérfluo diante da situação, mas faz falta depois de uns dias sem banho e com o corpo todo sujo de lama, você passa a não ter noção do quanto está sujo, e um espelho ajudaria. Também não tínhamos muita água, tudo era contado e não podíamos desperdiçar, além disto, cada um de nós ganhou um único copo descartável que seria usado todos os dias, seja para beber água, chá ou qualquer outro líquido disponibilizado, quem perdesse ou amassasse o copo não bebia ou teria que compartilhar com algum outro acampante.

A principal atividade do acampamento eram as “missões”, os acampantes foram divididos em grupos e mandados a países recriados dentro do acampamento. Mas antes de tudo recebemos uma nova identidade, ou melhor, um passaporte com um personagem, ou melhor, a identidade de cristão real perseguido. Eu deixei de ser a brasileira e estudante Joana, para ser a Missionária Chinesa presa e escrava sexual Yang Lin, eu assumi a história dela para mim e durante aqueles dias eu seria uma fugitiva como ela. Também recebemos uma pulseira que representava nossa “vida” dentro do acampamento, caso um soldado quisesse me executar era somente cortar minha pulseira, ou caso eu quisesse tirar minha própria vida eu mesmo cortava, aquele que tinha a pulseira cortada se retirava da simulação e ficava isolado do resto do grupo dentro de uma casa. Houve casos de suicídio, houve casos de marido matar a própria esposa ou de irmãos se matarem, parece simples cortar uma pulseira, mas eu presenciei as mortes e foram de uma simbologia imensa, as pessoas ficam muito mal após a execução e o grupo todo também.

Após as novas identidades e vidas, os grupos eram avisados a quaispaíses deveriam se direcionar. Em cada país tínhamos uma missão “secreta” a cumprir, íamos achando as pistas no meio do caminho e cumprindo aos poucos. As entradas dos países eram compostas por uma alfândega onde carimbavam nosso novo passaporte, geralmente

para entrar tínhamos que mentir, o pessoal era bem grosso e faziam perguntas atravessadas, quem entrava em contradição se complicava e o grupo acabava tendo que “se virar nos trinta” para todo mundo entrar. Depois do carimbo nos vistos fomos até a entrada do país em si, em todos fomos recebidos por guias locais, que nos levavam para conhecer o país.

Minha primeira visita foi a Myanmar, nossos guias eram dois monges budistas que nos contaram um pouco da tradição local, nossa missão era localizar uma cristã perdida na floresta e dar a ela auxílio, para isso precisamos dar um jeito para os monges não perceberem. Localizamos a menina perdida e a ajudamos. Na volta soldados do país nos encontraram, mataram algumas pessoas (cortaram a pulseira) nos humilharam muito, palavrões de todos os tipos eram ditos, principalmente direcionados as garotas, foi ruim, mas a missão da noite seria pior.

A missão na noite seria na temida Coreia do Norte, o país mais fechado do mundo. O mais interessante é que todas as simulações eram baseadas em fatos reais, os personagens não eram fictícios. Após o acampamento recebemos vídeos com alguns testemunhos das pessoas que representamos no acampamento, pessoas que passaram pelos campos de concentração e sobreviveram para contar o que vivenciaram. Por isso todos temiam a Coreia, que pra mim não foi a pior, mas foi a mais cansativa.

Os guias da Coreia eram todos soldados, passamos por algumas imagens do ditador Kim Jong-un, onde todos nos curvamos, menos alguns garotos do grupo que nos trouxeram problemas por conta dessa posição. Uma das coisas que o acampamento quis nos ensinar é não queira ser herói, não queira dar uma de Cristo e se oferecer por alguém, isso pode fazer com que você e outras pessoas morram. Os garotos do grupo acharam que por se curvar à imagem do Kim, estariam negando a Cristo, os soldados descobriram nossas identidades e todos foram levados ao campo de concentração. Cristãos presos na Coreia do Norte são levados a campos de trabalho forçado, de onde muitos só saem mortos. Pegaram nossos passaportes, nos deram uma camiseta com um número e nos obrigaram literalmente a trabalhar, plantamos e adubamos toda uma plantação de milho. Como várias pessoas estavam estafadas de cansaço e fome, resolveram nos dar um pouco de arroz meio úmido que tinha em uma panela, contudo com as mãos cheias de adubo não foi a melhor surpresa da noite. Neste país não

conseguimos cumprir a missão, os mesmos garotos não haviam terminado seus atos heroicos da noite. Acabamos expulsos do país e com 10 mortes na conta dos garotos, que permaneceram vivos no grupo.

No segundo dia fomos primeiro a Colômbia onde tive que cavar minha própria cova, e ouvi a seguinte pergunta – Você prefere que eu te estupre ou que eu te mate? – Óbvio que o soldado não me estuprou e acabou que também não me matou, mas foi uma pergunta pesada. Nosso último país foi à Somália, e nossa missão era contrabandear bíblias para cristãos que tinham tido sua igreja destruída por grupos extremistas locais. Para mim este foi o pior país, eu já estava morrendo de fome, as minhas roupas, que, diga-se de passagem, eram muitas, não estavam mais barrando o frio, e além de tudo nos obrigaram a usar burcas. Eu passei numa boa pelos outros dias, pelos insultos, pelos gritos, pelo trabalho, pela gritaria, mas ser humilhada por uns caras vestidos de *sheik* foi péssimo para mim. Nós não podíamos olhá-los nos olhos, não podíamos lhes dirigir a palavra, e tínhamos que aceitar que eles escolhessem dentre nós com quem eles queriam se casar. Neste momento, meu calcanhar de Aquiles foi tocado, meu senso de justiça e liberdade foi totalmente ferido, não somente por mim, pois eu sabia que dentro de algumas horas a simulação iria terminar e eu voltaria para casa, mas por conta das mulheres destes países, que estão nestas condições. Eu chorei muito, por cada uma delas, eu posso dizer que meu coração doeu naquela noite pensando que meninas de 12, 13 anos não tiveram a liberdade que eu tive. Eu me senti muito mal por não poder fazer nada por elas, por não poder defendê-las, por não ter poder em mãos para ajudá-las de alguma forma.

No último dia de acampamento entendi que o objetivo deles havia sido atingido em mim e em todo o pessoal que participou. No último dia nos explicaram que a intenção deles é nos despir emocionalmente para sentirmos a dor que aqueles que sofrem por sua crença sentem, é nos sensibilizar que o que parecia história medieval ainda existe e é real. Explicaram-nos que muitas vezes o que estes cristãos querem, de forma simples e direta, é apoio, conforto. Eles não querem alguém que mate todos os soldados ou extremistas do mundo, eles querem nosso AMOR.

Depois disso, nós escrevemos uma carta para nosso personagem no acampamento, eu nem tinha palavras para escrever a Yang, eu só queria abraçá-la e dizer o quanto ela personaliza a mensagem de Cristo, o quanto eu tenho vergonha de permitir que um

cristianismo tão vazio de significado seja pregado no Brasil. Também escrevemos uma carta para nós mesmos, ela nos seria enviada seis meses após a experiência, e depois desse tempo, quando eu a recebi na minha casa foi incrível, pois naquele dia eu precisava ouvir aquelas palavras que eu escrevi há seis meses.

Foi incrível a experiência, as pessoas e as condições. Foi um exercício de empatia e desconstrução muito grande. Não foi meramente uma atividade religiosa, foi uma metanóia que passa muito longe de qualquer prática religiosa, passa dentro do nosso coração.

#

Logo após a chegada de Joana do acampamento, tivemos algumas conversas e numa delas, Joana conta que além desses acampamentos, há viagens, intercâmbios propostos para a disseminação do evangelho cristão e ajuda de cristãos em países onde o cristianismo não é abrangente.

Eu perguntei à Joana como ela comparava esse acampamento e o UPW, e ela disse: “o que as pessoas estão buscando”.

Joana: No UPW, geralmente as pessoas estão buscando mudança de vida, mas sempre em relação à negócios; eu não voltei do UPW com uma mudança assim tipo ‘oooohhh’, não com aquela visão de que eu não sou nada, mas pensando ‘se eu quero, eu posso’, porque ele mostra que se você conseguir vencer seus medos, você vai conseguir o que você quiser, é muito autocentrado em mim, é muito ‘eu domino meu corpo, eu domino minha dor’, se eu tiver com uma dor no corpo e tiver uma técnica, eu consigo me dominar. E no acampamento você é mais voltado para os outros, e quebranta muito, te mostra que quando você está na pior, quando você está com fome, você mostra seu caráter, você passa pelo extremo e revela quem você é. No UPW é como se eu tivesse me enchendo, e no acampamento é como se eu estivesse transbordando. No UPW, a emoção é totalmente forjada, é igual a Rosa falou: são técnicas que usam pra que a gente entre no clima: a música, as imagens; tudo aquilo foi construído pra que a gente sinta uma emoção, tanto que tem toda uma preparação, pra você passar nas chamas a galera fica ‘vamos, vamos, vamos, vamos’; no acampamento tudo flui muito natural, não tem nenhum tipo de recurso psicológico ou recurso externo, a galera não é profissional para fazer a gente se sentir num estado de excelência, eles deixam você se quebrantar

sozinho, é ação de Deus, é a falta. Com tudo que acontece, num tem uma preparação anterior.

#

Joana contou do acampamento para Rosa, que a questionou sobre o porquê ela tinha ido, e Joana disse que tinha ido com o propósito de ampliar sua visão, conhecer mais coisas; Rosa disse que isso era coisa de jovem que estava em busca de aventura.

Joana: Ela disse que no fim do ano quer ir num congresso de coaching. E eu pensei, num disse pra ela, mas pensei: não são só esses grandes eventos que nos fazem ampliar a percepção, não são só UPWs da vida, você pode sentar num banquinho com uns amigos e ter uma conversa ótima que te faz crescer muito, e não precisa de uma estrutura, de uma glamurização, e as pessoas se sentem até mais à vontade.

Nessa conversa, Joana falou sobre a pirâmide de Maslow, e disse que era interessante relacionar como as pessoas que buscam o coaching são pessoas com mais alto poder aquisitivo, que na pirâmide das necessidades humanas, elas já satisfizeram as mais básicas e por isso podem pensar mais sobre propósito da vida e o sentido do que fazem. Não que pessoas com menor poder aquisitivo não pensem sobre o sentido de suas vidas e trabalhos, mas a forma como pensam se modificam pelos elementos que a compõem, e a realização de suas ambições se faz com mais obstáculos.

Um bate-papo sobre escolhas

Em meados de junho de 2014 tive uma conversa com Joana, em que contei a ela sobre o que havia acontecido no dia anterior, em meu grupo de orientação, onde discutimos o texto de Annemarie Moll, *Política ontológica. Algumas ideias e várias perguntas*.

Nesta reunião, fiquei muito intrigada com algumas questões levantadas, tais como as seguintes falas: “desafiar o livre-arbítrio dos sujeitos com quem fazemos pesquisa, e desafiar nosso próprio livre-arbítrio”, “superar uma agência na estrutura”, “a possibilidade de escolha é um ideal neoliberal”. Esta última fala foi muito significativa, já

que o coaching prega tanto a capacidade que os indivíduos tem de fazerem escolhas, independente da situação em que se encontrem. E vale lembrar que ele nasceu nos Estados Unidos e este é um país muitas vezes visto como símbolo neoliberalista.

Eu quis conversar com Joana sobre “escolha”, já que ela é minha principal interlocutora. Joana sabe que estudo antropologia, e sabe sobre a pesquisa, inclusive ela já deu dicas sobre aspectos que eu deveria abordar ou como eu poderia conduzir as informações.

Joana disse: num sei se foi num livro, foi em algum lugar, ou num sei se foi eu quem construí isso de uma forma interna, mas a sociedade está dividida assim: entre os que tem poder de escolha e os que não tem; porque uma coisa é uma pessoa escolher “ah, num quero ter plano de saúde”, mas ela pode pagar ou não. Se uma pessoa não pode pagar um plano de saúde, ela tem que usar o sistema público, o SUS, porque é a única opção que ela tem.

Eu disse a Joana que toda vez que eu pensava em escolha, lembrava do coaching. Porque o coaching te diz que você tem escolha sempre. É muito comum a colocação do coaching de “eu num posso mudar a direção do vento, mas posso mudar as rédeas do meu barco para o caminho que eu quero”.

Joana: Eu acho que é mais ou menos assim: tem gente que não tem escolha, por exemplo, tem quem possa escolher no hospital público, tem quem só possa ir ao hospital público. Em casos de menos alternativas, a escolha estará em como vou me comportar em relação a isso. Não tem como eu escolher as situações, mas tenho como escolher como me posiciono diante delas.

Continuando, eu disse: me parece que isso de você falar de escolher a forma como se sente só acontece depois de um trabalho mental muito grande, de anos. Leva tempo até que uma pessoa possa conseguir controlar suas emoções, seu psicológico. Por exemplo, uma pessoa com raiva, pode estar não querendo sentir raiva, mas não consegue mudar aquilo no momento da ação. Então isso de você dizer assim “você escolhe como se sente”, parece complexo.

Joana: Realmente, pra você escolher como se sente tem um trabalho. Precisa de uma maturidade mental pra você saber quando algo não é o que você quer mais e

saber fugir ou criar outra situação. A diferença vai estar em se conformar e tolerar aquilo indesejado para vida toda ou tolerar só enquanto é preciso e depois conseguir mudar e colocar numa situação diferente.

Falei de algumas dúvidas à Joana: muita gente, para muitas coisas justificam, por exemplo, a estrutura social como uma forma de dizer que não se tem escolha, que age movido por uma série de estruturas em que está inserido, uma série de coisas que foram postas para o indivíduo antes de nascer.

Joana: Bom, mas é porque não tem como ser verde ou amarelo, não tem essa divisão, ou você nunca tem escolha ou você sempre tem escolha; eu acho que depende da situação.

Como uma pessoa bateu na porta, o assunto se encerrou.

A construção de si

Em outra conversa com Joana, ela disse: “o coach fala tanto que se a pessoa quer, ela pode, então ele poderia dizer: ‘você não precisa dos meus serviços para conseguir’, já que se você sozinho, quem quer pode mais, então porque a pessoa precisa de alguém para poder mais? Por que se precisa disso? Quando você procura um coach, você num para pensar que aquilo que ele está te dizendo é tão óbvio, e você não tinha parado para pensar e descobrir sozinho”.

Ela ressaltou que o coaching era muito americanizado (até porque nasceu no país do Tio Sam), e falou de como muitas vezes os brasileiros compram muito bem as coisas que vem dos Estados Unidos, por acharem que tem um status, e que isso aconteceu com o coaching também, por isso a aceitação tem sido tão grande e a demanda por esse serviço tem aumentado. Ela deu o exemplo de uma história que ouviu da Viviane Mosé, em que ela dizia que levou seu filho à Disney, e que Orlando era um inferno, com fila por todos os lados, crianças correndo, mas por ser o sonho Disney, muitos brasileiros amavam; que se pegava duas horas de fila para ir num brinquedo, se fossem duas horas de fila no Brasil, que já teria tido briga, mas como eram duas horas de fila em Orlando, que estava tudo bem. “É mais ou menos o que eu penso do coaching, que sofre esse efeito também, porque muita gente quando vai num curso, e descobre que é um método que

veio dos Estados Unidos, já faz ‘ooohh’, o coaching é uma importação de uma consultoria americana, só que ao invés de mudar só sua empresa, muda também o seu modo de viver, por isso tem o coaching de carreira, coaching de vida, coaching disso, coaching daquilo. Acho que no Brasil a gente tem criatividade suficiente para fazer isso de uma forma diferente, e criar nossas formas de se treinar”.

Joana explicou que a sociedade hoje caminhava para um funcionamento em rede, com relações mais horizontais, e que com a internet, popularizou-se a informação, e assim, ela poderia, ao invés de contratar um coaching, buscar a bibliografia na internet e fazer algumas ferramentas sozinha, tomar a iniciativa de fazer por conta. “Porque se você tomar como exemplo, o Anthony, há 20, 30 anos atrás, ele nem sabia que era coach, ele deu uma guinada sozinho na vida dele, num teve alguém para *coacheá-lo*⁶, até porque ele não tinha grana pra isso, não tinha alguém para ajudá-lo; hoje ele ganha dinheiro encima disso, *coacheando*⁷ outras pessoas, mas essas pessoas não são menos capazes do que ele a ponto de se *coachearem*⁸ sozinhas também. A questão é que é muito mais difícil tomar uma decisão sozinho do que quando tem alguém com você. Vamos pegar um exemplo, quando uma mulher traída vai na igreja, para procurar aconselhamento, ela já sabe o que fazer, mas quando alguém fala, parece que esse alguém tem mais força. Quando uma pessoa contrata um coach, ela confia que aquela pessoa vai trazer a mudança para a vida dela, quando na verdade, não. Ela poderia fazer isso sozinho. É um caso de fé, como quando dizem que uma pessoa melhorou de uma mudança porque ela acreditou na cura, ou mesmo melhorou seu quadro. Porque é difícil para um ser humano se manter motivado e buscar por si só; se pra gente que conhece o coaching já é difícil, imagina para quem não conhece”.

Eu pedi para Joana explicar melhor a relação que ela fez entre coaching e religião. Ela falou que tem muito de fé na mudança, como acontece com pessoas que ficam curadas depois de fazer cirurgias espirituais. Segundo ela, o que cura não são os espíritos ou outra coisa, mas a fé das pessoas, sem tirar o poder de Deus, ela frisou. Para ela, a fé

6 Termo criado por Joana e eu.

7 Termo criado por Joana e eu.

8 Termo criado por Joana e eu.

no coaching vem de algumas credenciais: vem dos Estados Unidos, o país considerado por muitos como símbolo de sucesso material e desenvolvimento tecnológico, e as empresas vão achar que isso vai agregar valor, “e outra: quando eu estava fazendo as sessões individuais, aquilo que a Rosa falava já tava na minha cabeça, mas quando ela falava, aquilo parecia mais forte, a palavra dela tinha um peso maior, mas no fundo eu já sabia daquilo. Às vezes, a gente já tem uma ideia, mas como eu não tenho uma bagagem de palavras, um repertório coerente (até pela minha idade), aquilo não parece consistente; quando a Rosa fala, aquilo parece mais coerente, de uma forma maciça, então aquilo parece que tem mais valor, parece que ela sabe mais do que eu, mas no fundo isso está construído na minha cabeça, eu só não sabia explicar”.Joana trouxe o exemplo dos sofistas, que a sua época, convenciam e/ou enganavam as pessoas com seus discursos, e para ela “muita gente já sabe o que fazer, mas elas não sabem como por isso no papel, como planejar, então elas procuram uma pessoa que tem um linguajar mais elaborado, que tem um repertório maior, e isso para a pessoa faz todo sentido, e por isso ela compra o serviço. A pessoa precisa de alguém para sentir que pode ser capaz. E aqui eu uso o Anthony como exemplo, se ele deu essa guiada na vida dele, porque qualquer um não pode dar? Por que as pessoas buscam um coach de estilo de vida saudável, se por aí está cheio de informação sobre isso, e se você for no posto, numa nutricionista de graça, ela vai te passar um método pra viver? Só que a pessoa se sente desmotivada, mas quando ela paga no coaching, que ela sente no bolso, ela vai fazer. Mas assim, eu explico isso, mas para mim ainda não está de uma forma muito clara, eu sei que daqui a alguns anos, eu estudando mais, conhecendo mais, eu vou conseguir construir isso de uma forma mais concreta, mais completa, mais legítima, porque parece que isso só está muito claro pra mim, se eu for explicar isso pra Rosa, ela vai achar que eu estou soltando um monte de palavras soltas, mas dentro de mim isso está muito claro. Como com o tempo o nosso raciocínio vai mudando, com o tempo eu vou mudar mais, vou acrescentar alguma coisa, tirar outras. Mas no fundo eu acho isso, que o coaching é uma forma de status da terapia, só que de uma forma mais voltada pra carreira, sabendo que tem terapeutas ótimas. Só que o coaching tem uma forma mais chique, mais americana, de você mostrar uma mudança para alguém”.

Perguntei a Joana se ela achava que o coaching ia se tornar uma religião. “Não. O coaching não vai se tornar uma religião não, ele vai se tornar mais acessível, mais

difundido, porque vai ter muitos profissionais de coaching, então se poderá encontrar um em cada esquina, e com isso vai se tornar mais barato; vai ter gente que vai cobrar mais caro, pelo investimento que fez em si, vão ter coaches e coaches, assim como tem terapeutas e terapeutas; mas de modo geral mais pessoas vão poder ter um coach, mas ainda assim não vai fazer sentido para um monte de gente”.

Questionei se ela achava que tinha tanta gente interessada em se tornar coach. “Eu acho que tem. Porque quando a gente pensa em coach, a gente tem como referência a Rosa, o Anthony, as meninas da Puraeco, que são referenciais fortes, mas quando a gente tira eles, a gente vê pessoas comuns como as que estão nos cursos, que tem menos prestígio. Tem muita gente por aí fazendo curso de coaching, tem gente apostando nisso. Mas como as coisas estão mudando muito, quem quiser ser um bom coach vai precisar se atualizar e entender que esse sistema bem americanizado não funciona, vai precisar ter abordagens diferentes, porque se por exemplo, ele for atender uma empresa de TI, talvez toda a linguagem faça sentido, mas se ele for atender um empresário mais simples, ele vai precisar traduzir diferente”.

Joana continuou: “acho que é importante ter uma crítica ao coaching, porque todos dizem ‘o coaching ooohhh, essa mudança, essa guinada, vamos ser felizes’, mas no fundo eu não acredito que uma pessoa precise ter a vida completamente resolvida, eu acho que no fundo ninguém tem que ter todos os seus problemas resolvidos, porque ninguém nasceu para ser mulher maravilha, só que o ser humano quer evitar problema, mas é preciso aceitar as misérias humanas, porque isso faz parte da minha dignidade. Eu acho não tem que ficar só nessa busca de felicidade, acho que é preciso buscar, numa palavra que eu roubei da Viviane Mosé, acho que o ser humano tem que buscar intensidade, porque a felicidade existe nos momentos de alegria e nos momentos de tristeza. Como ela disse, o rio quando corre, ele só corre, mas quando ele encontra uma barreira, ele pode se tornar uma hidrelétrica, ou seja, quando a gente é limitado por problemas, a gente pode se potencializar e se tornar mais forte, usar uma energia que não saiba que tinha; eu passo por problemas para me tornar maior, tornar minha alma maior”.

Ainda continuando o diálogo, Joana deu outros exemplos de onde o coaching é utilizado e a relação dele com outras vivências. “Acho que o coaching está ligado a uma

miséria humana, esse precisar que alguém me escute, essa busca pela felicidade, a busca pela vida perfeita, isso na verdade pode fazer mal, a busca por um casamento perfeito, um trabalho perfeito. Essa coisa de você procurar coaching para se aposentar, é a mesma coisa de quando você está procurando uma carreira, você não sabe o que vai fazer, mas isso faz parte da vida, quando eu tinha 18 anos eu não sabia, sentia aquela frustração, aquela angústia, é muito difícil, mas se você tem isso aos 20 anos, porque você não teria isso aos 60? Na realidade, quando a gente tem isso aos 20, a gente está nascendo para uma vida adulta, e quando eu tenho isso aos 60, eu posso estar renascendo para um outro estilo de vida, é como um momento de parto. Dizem que o parto é desconfortável para a criança porque ela está saindo de algo completamente confortável, e está entrando num ambiente frio, ela sente dor, chora. É assim, quando você sai da adolescência, sai do conforto para ter maiores responsabilidades, e quando você vai aposentar, você sai do status de uma carreira, da estabilidade de um trabalho para ter um tempo novo, e aí você pensa ‘o que eu vou fazer?’, ‘eu vou me tornar um inútil?’. Aí, eu acho que o coaching tem que ajudar a pessoa a entender o porque e o como ela chegou ali”.

Eu interfeirei e disse a Joana que o coaching fazia isso durante a realização do processo, mas que esse não era o foco, já que essa atribuição seria da terapia, que iria tratar de coisas do passado (segundo o que ouvi de alguns coaches), e para o coaching o lema era “aceita teu passado, que ele te ajudou a chegar onde está, mas foco no futuro”. Argumentei que de certa forma essa reflexão sobre o passado acontecia, porque entre uma sessão e outra, a pessoa pensa sobre como ela chegou até ali. Joana disse: “então porque o coach nega ser uma terapia, se no fundo é uma terapia? A Rosa já disse que não é terapia, que ela não é psicóloga, mas no fundo, essa noção da pessoa pensar o passado, é terapia também; só que porque o coach não aceita que é terapia? Porque tem essa ideia de que a terapia é algo frágil, e o coaching tem um estilo mais forte; parece que a terapia faz lembrar as misérias da alma, as coisas ruins, e o coaching faz lembrar mais de tudo aquilo que você tem de bom, e pode turbinar. Porque em nenhuma sessão você fala só de carreira, porque não tem como dissociar minha carreira da minha vida pessoal, é uma coisa só, eu passo mais tempo trabalhando do que fora, então faz parte de mim, e o coaching tem sim um papel de terapia. Quando a Rosa diz que as pessoas andam cada vez mais carentes, que as pessoas precisam desabafar, ou elas procuram um terapeuta

ou, algumas que não querem admitir que procuram um terapeuta, procuram um coach; porque no trabalho é mais chique dizer que está tendo a assessoria de um coach do que a assessoria de um terapeuta. Quando alguém diz que está tendo assessoria de um terapeuta, o que você pensa? ‘Nossa, será que ela está bem, será que está com alguma depressão?’, mas quando alguém diz que está tendo um processo de coaching você pensa ‘Nossa, ela está procurando desenvolvimento pessoal, desenvolvimento profissional, ela quer crescer na carreira’. Quando no fundo, o que ela vai vir falar com o coach é problema de família, é problema de carreira, um monte de coisas, por isso que a Rosa sabe sobre a vida dos clientes dela”.

Eu disse a Joana que, nesse caso, assumir que o coaching também é terapia seria um baque, mas também seria uma perda de mercado, por que terapeuta já existe há anos, e é uma profissão não tão valorizada. Joana lembrou que as ações do Anthony com os participantes do UPW, nas intervenções, é uma terapia, pois os fazem rever de outro modo seus problemas. Ela disse que tem as diferenciações, já que os eventos de coaching muitas vezes são muito glamurizados, e quando você pensa em terapia você pensa numa pessoa sentada e você falando.

Para Joana, é importante ler o que está nas entrelinhas, e ser crítica com aquilo que parece completamente positivo, “enfim, se não existe verdades absolutas, não é uma verdade absoluta que o coaching só traz benefícios”. Eu disse que de fato, depois do coaching eu havia me tornado uma pessoa muito mais exigente, e isso era perigoso. Ela disse: “isso é algo importante a se ter cuidado, porque às vezes você pode exigir do outro aquilo que ele não pode dar; às vezes você pode não se dar a oportunidade de errar; o coaching diz ‘sim, você pode mais; se motive!’, mas tem dia que eu não quero me motivar, tem dia que eu quero apenas ficar tranquila, na minha situação de dor ou alegria, e isso de ‘sim, sim, sim, Yes, Yes, Yes’, tem uma hora que você diz ‘não!’”.

O afetamento em campo

O campo afetou-me intensamente. Durante todo o tempo em que estive em relação com o coaching foi intenso, absorvi muitos de seus ensinamentos, meu vocabulário ganhou palavras novas e quando me dei conta, eu estava pensando como uma coach em muitas situações. Utilizei de suas práticas, memorizei ferramentas, quis que minha família e amigos o conhecessem. Muitas vezes irritei-me, quis não tê-lo conhecido. Foi uma relação de amor e ódio. Escrever sobre ela foi a possibilidade de olhá-la com alguma distância e sentir paz.

Em alguns momentos tive receio de levantar críticas ao coaching neste trabalho, pois pensei que com minha crítica eu poderia estar afastando pessoas que poderiam se beneficiar dele. Semelhante ao que acontece com trabalhos que por vezes fazem inúmeras críticas às religiões, e muitas vezes elas são fonte de segurança emocional para muitos de seus praticantes. Em uma conversa com Joana, ela disse “o coaching não é algo que não funciona, que não presta, ele presta sim, mas é uma coisa superestimada, e isso é importante declarar; assim como a religião, que pode ser superestimada por uns e subestimada por outros, como tem gente que nunca pisou numa igreja e acha que aquilo não serve, mas num sabe como aquilo pode ser benéfico, talvez não para si, mas para outros, e tem outros praticantes que estimam ao excesso, e são loucos, obcecados”.

Pensando nessas questões, uma amiga indicou-me um texto: *Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia*, de Marcio Goldman.

A ideia inicial do texto é refletir sobre como manter o ponto de vista antropológico tradicional, quando o que se está pesquisando é algo que faz parte do contexto social do pesquisador. E ao longo de sua reflexão, Goldman analisa várias literaturas que tratam sobre a experiência do trabalho de campo e levanta questões que sua pesquisa provoca.

Goldman relata um episódio em que foi convidado a carregar em seu carro os objetos rituais de uma falecida filha-de-santo, para um despacho dos assentamentos da moça. Ao chegar ao local (uma ponte), as pessoas que estavam com ele fizeram o despacho, e durante o ritual, Goldman disse ter ouvido ao longe, o som de instrumentos de percussão, que a princípio ele achou que seria o ensaio de algum bloco afro nas proximidades.

Ao conversar com Marinho, um participante do ritual, contou sobre a escuta dos sons, e Marinho também relatou uma situação vivida semelhante, quando anos antes acompanhou um ritual e ouviu sons ao longe, e depois, descobriu que o fato dos atabaques tocarem é sinal de que os mortos estão recebendo bem a oferenda, e Goldman percebeu que os tambores que ouviu não eram deste mundo.

Peter Gow, um amigo com quem Goldman conversara, disse que o ponto a se pensar não era exatamente a veracidade da escuta, “o que imagino é que devemos repensar radicalmente todo o problema da crença, ou ao menos deixar de dizer preguiçosamente que ‘os fulanos crêem que os mortos tocam tambores’ ou que ‘os beltranos acreditam que os espíritos do rio tocam flautas’”. “Eles não ‘acreditam’: é verdade! É um saber sobre o mundo.” (Gow, 1998) (Goldman, 2003) Goldman relata ter passado muito tempo pensando em como conferir dignidade a este episódio dos tambores dos mortos, e mais à frente em sua escrita, discute alguns argumentos de como poderia encarar isto e o que aconteceu em campo em seguida.

Goldman, inspirado por Lévi-Strauss, diz ainda em seu texto, que “o trabalho de campo representaria, assim, para o antropólogo, o que aquilo que outrora se designava como ‘análise didática’ representa para o psicanalista: único modo de operar a síntese de conhecimentos obtidos de forma fragmentada e condição para a justa compreensão até mesmo de outras experiências de campo”. (Goldman, 2003)

De fato, ao longo da pesquisa, deixei de questionar se os praticantes do coaching acreditavam em tudo que diziam, e em que medida isso se dava. Passei a conceber que aquilo era um saber sobre o mundo, e não era minha função legitimá-lo.

Bibliografia

ANASTASSAKIS, Zoy. 2008. Apontamentos para uma antropologia do design. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2037/zoy%20anastassakis.pdf

FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. Ser afetado. Em: Cadernos de Campo n. 13: 155-161, 2005.

GOLDMAN, Marcio. 2003. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v46n2/a12v46n2.pdf>

MALINOWSKI, Bronislaw. 1923. The problem of meaning in primitive languages. In: Ogden, C. K. e Richards, I. A. The meaning of the meaning. Disponível em: <http://s-f-walker.org.uk/pubsebooks/pdfs/ogden-richards-meaning-all.pdf>

MAUSS, Marcel. 1938. Uma categoria do espírito humano: A noção de pessoa, a de “EU”. Em: Mauss, Marcel. Sociologia e Antropologia. Cosac Naify, 2003.

MOLL, Annemarie. 1999. Política ontológica. Algumas ideias e várias perguntas. Em: Nunes, João Arriscado e Roque, Ricardo (org.) (2007/ no prelo) Objetos impuros. Experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Edições Afrontamento. Tradução de Gonçalo Praça.

ROBBINS, Research International. 2011. Apostila do treinamento UPW, fevereiro de 2011.

SAMORANO, Carolina. 2014. *Ensina-me a viver*. Revista do Correio Braziliense. Número 463.

WEBER, Max. 1930. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Martin Claret, 2013.

Referências de vídeos

YOUTUBE. A teologia do Empreendedorismo. Programa Café Filosófico. Leandro Karnal. Link: www.youtube.com/watch?v=CDkrkhvOvY.